

A Festa do "Avante!" é já na próxima semana!

*

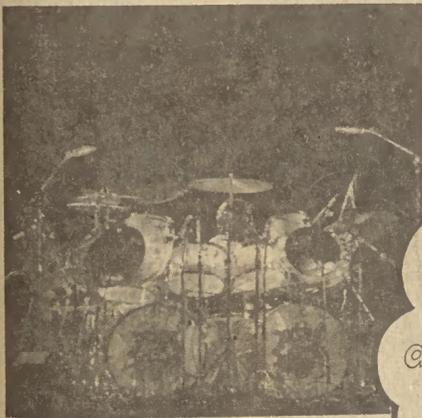
Pág. 6/7

Sábado e domingo é preciso ir trabalhar para a Ajuda!

*

Pág. 12

Três dias de cultura e arte



É JÁ A PARTIR DO DIA 4 DE SETEMBRO a FESTA do AVANTE NO ALTO DA AJUDA

EU JÁ TENHO EP!



Os artistas da Festa do «Avante!»

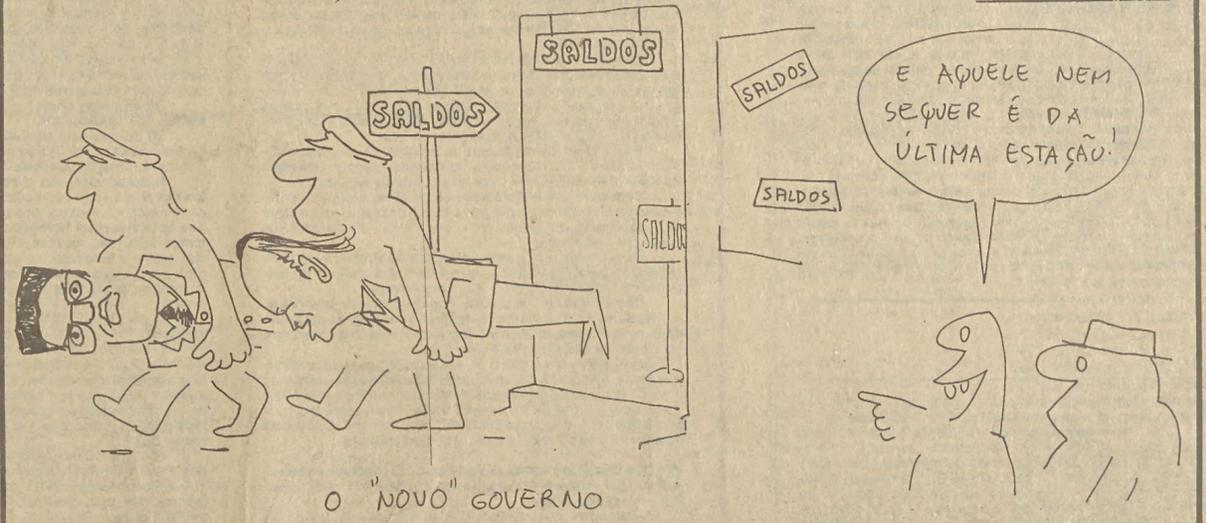
7.º

Pág. 8/9

“AD” recauchutada não resolverá nada

- Só um governo democrático e uma política democrática poderão concretizar as aspirações e satisfazer as necessidades dos trabalhadores e do povo

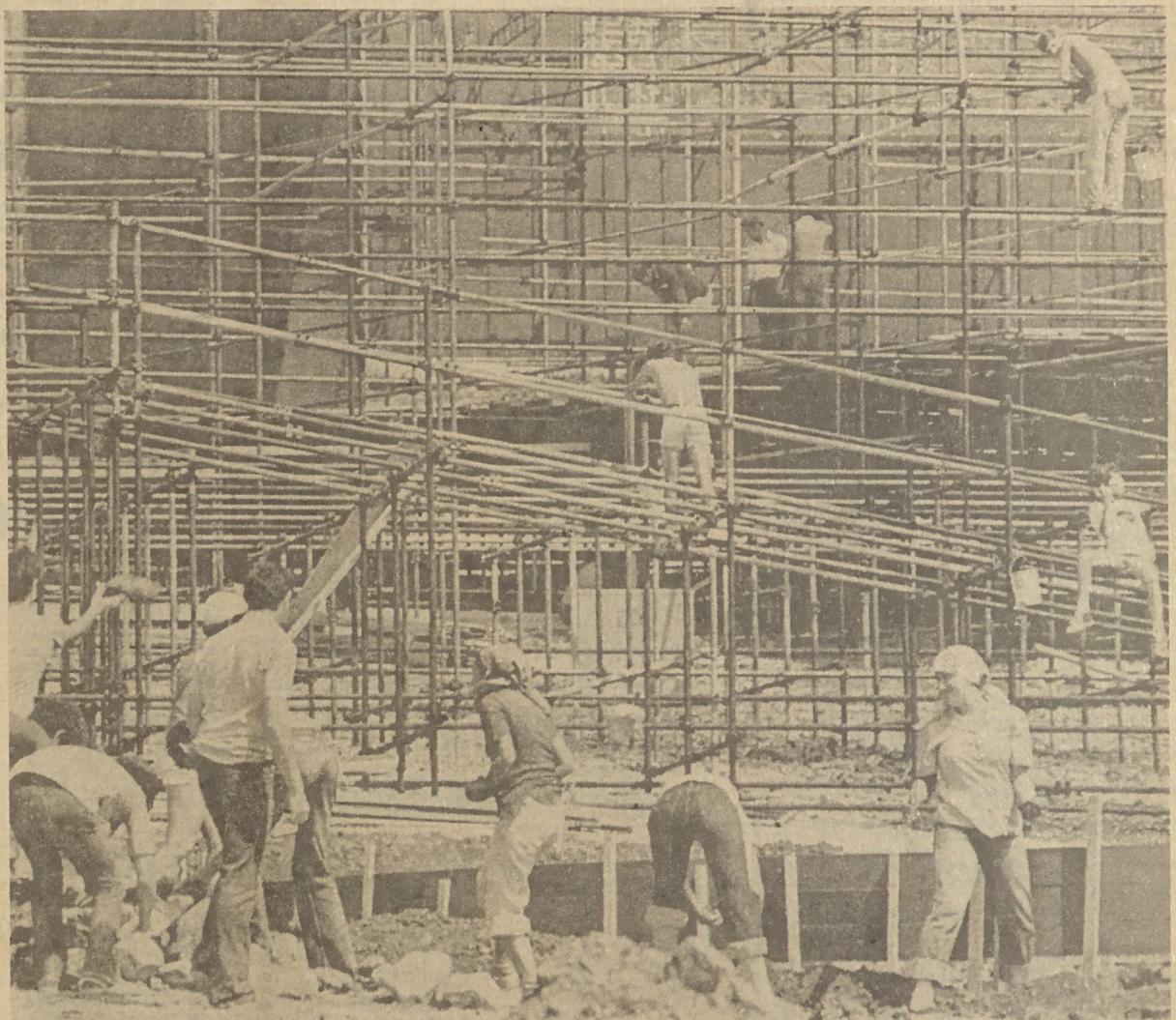
Ler Editorial na pág. 2



Solidariedade com o povo angolano!

Nota do Secretariado do CC do PCP

Pág. 2/11



A oito dias do início da Festa do "Avante!", os próximos sábado e domingo - o último fim-de-semana antes da Festa - assumem uma importância decisiva para a ultimateção dos trabalhos de implantação (Ler nas págs. centrais)

Nacional

António Gervásio em Avis A Reforma Agrária e a situação política

«A Reforma Agrária é parte integrante de um Portugal Democrático e Socialista. Sem a Reforma Agrária não há pão, não há trabalho, não há desenvolvimento económico. As terras e outros bens roubados voltarão à posse dos trabalhadores. O latifúndio será liquidado definitivamente. A Reforma Agrária avançará mais ampla e profundamente e a terra será entregue, para sempre, àqueles que a trabalham». Estas palavras foram proferidas pelo camarada António Gervásio, membro da Comissão Política do CC do PCP no passado dia 22, durante o Comício integrado na «Festa das Colheitas», em Avis.

O camarada Gervásio, após enumerar algumas das violências e atropelos cometidos contra a Reforma Agrária, acobertados pela GNR e conduzidos por sucessivos governos reacçãoários, su-

blinaria que «no dia em que se der uma viragem democrática na política portuguesa (que não estará longe, e disso devemos ter a certeza porque a luta do Povo português não pára) os trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo não precisarão de semanas para repor a legalidade nos campos da Reforma Agrária».

Pronunciando-se sobre a actual crise do Governo «AD» e da própria «AD» António Gervásio diria: «os dirigentes da coligação 'AD' não se cansavam de gritar aos sete ventos de que 'era um governo para quatro anos', 'um governo para mudar Portugal', um 'governo para dar nova qualidade de vida aos portugueses', etc., etc. Afinal, depois de toda esta arrogância triunfalista, mal teve pernas para se aventurar sete meses!».

«O PCP — recordaria — tinha razão quando

sempre disse que o 2.º Governo 'AD' não governaria quatro anos. Ele cairia como os outros governos reacçãoários. A vida deu razão ao Partido e demonstrou que a sua análise era objectiva (...) A falência do projecto 'AD', o seu fracasso político, começou logo com a sua grande derrota nas eleições presidenciais de 7 de Dezembro de 1980. O Povo português, nessa altura, não votou apenas contra o general Soares Carneiro — votou também contra a política e o projecto subversivo das forças de direita que constituem a coligação 'AD'. A reacção não quer engolir esta verdade, mas ela mete-se pelos olhos dentro!».

Ainda sobre a falência do Governo «AD»/Balsemão, diria que tal aconteceu por duas razões — a luta popular de massas, a resistência heroica e constante dos trabalhadores da cidade e do

campo à gravosa política do Governo, e, por outro lado, a total incapacidade do Governo em resolver os grandes e prementes problemas do Povo e do País.

Seguidamente o camarada António Gervásio apontou diversos aspectos que caracterizam a difícil situação económica e social a que os Governos da «AD» conduzirão no nosso país, referindo que «há quem sonhe 'deixar desgastar a AD' para depois aparecer, no rescaldo, como os 'salvadores do caos', esquecendo, nesse oportunismo vergonhoso, o «pesado desgaste» para as condições de vida dos trabalhadores e do Povo e para a Democracia portuguesa».

Um governo mais ultra e mais frontal — diria a terminar — ainda cai mais depressa e o trambolhão pode ser ainda maior».

Em defesa da Banca Nacionalizada

● Bancários comunistas de Lisboa tomam posição sobre política da "AD"

«Defender a banca nacionalizada é um dever nacional, eliminar a ocupação abusiva dos bancos pela 'AD' é uma necessidade urgente e imperiosa, lutemos por uma banca nacionalizada ao serviço do desenvolvimento económico e social do país» — é com estas palavras que termina um comunicado agora divulgado pelo Organismo de Direcção dos Bancários de Lisboa do PCP, no qual se analisa documentadamente a situação no sector.

Começando por se congratular com a recente decisão do Conselho da Revolução de considerar inconstitucional o Projecto-Lei da Delineação dos Sectores Público e Privado — posição esta sempre assumida pelos trabalhadores bancários através das suas estruturas representativas — o comunicado acentua que a luta em defesa da banca nacionalizada não pode afrouxar.

«Vão surgir novas tentativas de reprivatização da Banca através de alterações que as forças reacçãoárias já incluíram no seu projecto de Revisão Constitucional. A vontade popular exige que os votos dos deputados do Partido Socialista não permitam a concretização de uma

tal punhalada nas conquistas de Abril».

Os verdadeiros objectivos

Referindo-se às últimas medidas tomadas pelo recentemente falecido Governo AD/Balsemão, os camaradas bancários afirmam que elas mais não visam do que, mais uma vez, a concretização dos seguintes objectivos:

— submeter a política financeira às determinações do FMI e do Banco Mundial;

— atrelar a economia do País à dos países da «Europa Conosco», que reconhecidamente atravessam uma das mais graves crises económicas das últimas décadas;

— travar o desenvolvimento económico nacional e transferir os efeitos da crise para as empresas públicas, os pequenos e médios comerciantes, agricultores e industriais e, como sempre, para os trabalhadores;

— colocar a economia sob o controlo das multinacionais, dos monopólios e das grandes empresas capitalistas.

Tais medidas, acentua-se no comunicado, assentam essencialmente no agravamento às limitações ao crédito. A análise dos balanços dos bancos relativos a 1980 permite constatar que:

● o crédito concedido no estrangeiro pelos bancos portugueses com agências em Paris, Londres e Nova York ultrapassou os 100 milhões de contos;

● esses mesmos bancos retiraram no estrangeiro sob a forma de depósitos e outros recursos, cerca de 140 milhões de contos;

● os fundos acumulados que poderiam permitir um grande incremento económico nacional ou não foram aplicados, constituin-

do excessos de reservas (23 milhões de contos) ou serviram para aquisição temporária de títulos (55 milhões de contos) e a manutenção de disponibilidades líquidas sobre o exterior (63 milhões de contos);

● o recurso ao redescuento que poderia aumentar a capacidade creditícia da Banca foi praticamente nulo no ano transacto.

Esta triste realidade, que as recentes medidas governamentais tendem a agravar ainda mais.

Os pequenos vão falir

«Com efeito — afirmam os bancários comunistas — a taxa de reservas obrigatórias de caixa passou de 7 para 10 por cento dos depósitos e outras responsabilidades, o que significa a retirada das instituições monetárias de cerca de 40 milhões de contos».

«Com a mesma finalidade foram elevadas ainda mais as taxas de juro em vigor, criando-se um novo esquema com a fixação de taxas mínimas e máximas. Quem vai ser beneficiado e quem vai ser afectado com esta nova modalidade? Não restam dúvidas que as taxas mínimas vão ser aplicadas no crédito às grandes empresas capitalistas e às multinacionais, as taxas máximas às empresas públicas, às pequenas e médias empresas e ao consumidor».

Que consequências advirão? Os bancários comunistas são muito claros: «Tal política vai acelerar a falência de numerosas pequenas e médias empresas, contribuir para o aumento do desemprego e para a estagnação do desenvolvimento económico do país. A nível bancário é de esperar o incremento duma inadmissível concorrência entre os próprios bancos nacionalizados e a propagação do compadrio e da corrupção».

● o crédito registou um crescimento de 35,3 por cento apesar das limitações impostas, atingindo o montante de 1147 milhões de contos;

● o total das provisões para cobranças duvidosas e outros riscos elevou-se a 55 milhões no ano anterior.

Sim, é certo: como dizem os bancários comunistas, «sem dúvida que o defuncto governo 'AD' — governo do FMI, do Banco Mundial, das multinacionais, dos monopólios, dos latifúndios — teve razões para entrar em pânico quando viu frustradas as suas constantes tentativas de reprivatizar a Banca»...

De quem é a culpa?

Depois de sublinhar que tais medidas merecem o repúdio dos trabalhadores bancários, o comunicado passa a abordar uma outra questão, interrogando: «Se na actividade bancária ressaltam deficiências na pres-

Eleições em Miragaia em 11 de Setembro

● A APU concorre para ganhar

A população de Miragaia, na zona ribeirinha da cidade do Porto, tendo já tido duas Juntas de Freguesia, uma de presidente PS e outra de presidente AD, conhece já por experiência própria a incapacidade e a falta de vontade de uns e outros para resolver os muitos problemas que a afligem.

Mas as eleições de 13 de Setembro serão uma boa oportunidade para alterar o actual estado de coisas.

A APU apresenta-se como a única força de dar sentido útil à insatisfação da gente de Miragaia e de corresponder à sua legítima aspiração de uma Junta actuante e eficaz.

Das listas AD e PS fazem parte demissionários de anteriores órgãos e gente que sempre remou mais a favor dos seus interesses pessoais do que dos interesses dos moradores. É o caso, conforme pode ler-se na fo-

lha número 7 da APU, da freguesia de Miragaia, do sr. Carlos Moreira, que a AD indica para presidente da Junta, elemento conhecido por o seu carácter autoritário (chamam-lhe o regedor) e que se demitiu da anterior junta. É também o caso do sr. Libório, que se demitiu igualmente da anterior Junta e aparece agora em quarto lugar na lista do PS.

Significativo ainda que o PS indique para futuro presidente da Junta, um jovem praticamente desconhecido na freguesia e que não dá quaisquer garantias para o exercício da função, e que da lista AD constem pessoas que nem sequer pertencem à freguesia.

Contrastando com este panorama, a APU leva a cabo um programa incansável de iniciativas que mobilizam e entusiasma a população.

Ainda do número 7 da Fo-

lha APU — um dos principais meios através dos quais a APU mantém um contacto vivo com os moradores — se retiram exemplos dessa mesma actividade referentes, no fundamental, ao mês de Agosto.

Assim, temos as reuniões abertas à população, aos jovens, às mulheres aos reformados para o debate de problemas urgentes e discussão das soluções possíveis, o que dá ao programa da APU para estas eleições a possibilidade de abordar no concerto e em pormenor todos os problemas da freguesia.

Mas outros exemplos existem do empenho dos eleitos e dos candidatos à nova eleição de 13 de Setembro, da sua dedicação à causa dos moradores de Miragaia.

Está a decorrer de 10 a 28 deste mês a Colónia de Férias, iniciativa da Junta só

possível devido ao trabalho de Joaquim Nascimento, membro da Comissão Administrativa e candidato da APU a presidente da Junta.

No primeiro sábado de Setembro, dia 5, a APU organiza mais uma jornada de trabalho voluntário, a limpeza da Calçada das Virtudes, e apela aos moradores a participar neste trabalho.

No mesmo boletim se dá conta da abertura da sede da APU na rua de Miragaia, n.º 33, que os moradores desta freguesia podem frequentar a partir das 21 e 30.

Tem agora a população de Miragaia a possibilidade de experimentar e escolher uma nova Junta. Daqui a pouco mais de um ano haverá novas eleições em Miragaia como em todo o país. O PS e a AD já lá estiveram e nada resolveram. Que seja agora a vez da APU e que a população de Miragaia saiba o que pode fazer uma Junta

Campanha começa sábado

A campanha eleitoral da APU em Miragaia inicia-se já no próximo fim-de-semana, com uma grande jornada no Horto de Miragaia, onde serão apresentados os candidatos da lista APU.

Para além dos comes e bebes, haverá música popular e ranchos folclóricos. Participarão, igualmente, Carlos Mendes, no sábado, dia 29, e José Viana, Dora Leal e Ary dos Santos, no domingo, dia 30.

quando lá estão filhos de Miragaia dispostos a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar por amor à freguesia.

Madeira: exploração do trabalho infantil com cobertura das autoridades

1. As crianças têm direito à protecção da sociedade e do Estado com vista ao seu desenvolvimento integral.
2. As crianças, particularmente os órfãos e os abandonados, têm direito a especial protecção da sociedade e do Estado, contra todas as formas de discriminação e de opressão e contra o exercício abusivo de autoridade na família e nas demais instituições.

(artigo 69.º, Infância, da Constituição da República)

Mas serão estes preceitos da Constituição da República respeitados e cumpridos? Terão as nossas crianças uma vida livre e feliz, com igualdade de oportunidades e direitos? Crescerão elas no desenvolvimento harmonioso das suas capacidades físicas e intelectuais?

Os casos de desrespeito pela lei, as ilegalidades e injustiças cometidas no dia a dia levam-nos a crer que não, e que é outra a situação.

Tomámos conhecimento de alguns desses casos, passados na ilha da Madeira, através duma intervenção recentemente proferida no período «antes da ordem do dia», pelo camarada Mário de Aguiar, deputado eleito pela APU à Assembleia Regional.

Analizando a problemática do trabalho de menores e os acidentes de trabalho, nomeadamente com crianças, o deputado comunista começou por chamar a atenção para um acidente ocorrido há pouco tempo em Canelas com um jovem trabalhador de 14 anos que tinha iniciado o ofício aos 12, ou seja, dois anos antes do mínimo legal, e que sofreu um

grave acidente no desempenho de uma tarefa perigosa.

Depois de citar outros casos, alertou para a «triste lista de acidentes anualmente ocorridos com jovens no Engenho do Machico» onde ainda este ano faleceu um que não teria mais de 15 anos, para concluir que os donos desta empresa se ainda não tomaram medidas «é porque isso lhes prejudica os lucros que pretendem obter mesmo à custa da saúde ou da vida dos trabalhadores».

Explicando as razões destas infracções à lei que já não dizem respeito apenas ao trabalho infantil, mas também às normas de segurança e direitos de todos os trabalhadores, o nosso camarada apontou como principais causas a «grave situação existente no Tribunal de Trabalho do Funchal», onde a falta de funcionamento provocou um acúmulo de processos com mais de cinco anos e a pouca eficiência da Inspeção Regional do Trabalho que quase «reduz a sua actividade a um papel informativo», sem actuar com medidas eficazes que punam todos os prevaricadores.

Ainda recentemente ocorreu também um caso onde foram infringidas as mais elementares normas de segurança. Passou-se no Hospital Cruz de Carvalho onde um maqueiro, homem já de idade e com graves problemas pulmonares, foi hospitalizado em estado grave por ter sido obrigado a limpar sem máscara de protecção um depósito de água com leixivia, serviço que não lhe competia. Como o depósito não dispunha de escada de segurança só muito tardamente de lá foi retirado.

A propósito, e referindo-se

aos processos que opõem trabalhadores às entidades patronais, sugere o deputado da APU que «seria interessante saber em quantas tentativas de conciliação efectuadas nos respectivos serviços foi conseguido acordo e em quantas os trabalhadores não encontraram qualquer resposta para as suas exigências». E conclui: «tal permitiria avaliar a existência ou não do falado espírito de concertação e conciliação, que, tudo indica, apenas existe virado no sentido, de fazer os trabalhadores abdicarem de direitos que lhes caberiam legal ou contratualmente».

Agricultores de Bragança correm graves riscos de ruína

Caso não sejam tomadas as medidas de apoio necessárias para enfrentar as dificuldades, «corremos o risco de ficarmos arruinados, sem efectivo pecuário e com dívidas insuportáveis», alertam os agricultores do concelho de Bragança numa exposição subscrita pela respectiva Liga dirigida aos órgãos de soberania e autárquicos.

Esta posição dos agricultores resulta das diversas irregularidades verificadas na Junta de Produtos Pecuários (JPP), designadamente na recusa em aceitar muitas vezes reses sãs para abate e aceitar animais doentes.

Dado que as condições de higiene do matadouro de Bragança não são também as melhores, criando problemas de conservação ao gado abatido, os agricultores chamam a atenção para o facto de ser necessário pôr

o pagamento das indemnizações devidas aos produtores da região pelos prejuízos causados pelas geadas na castanha, nas oliveiras e nas nozes. Estas indemnizações deverão ser, «de 80 por cento do valor dos prejuízos, tal como prevê o seguro agrícola».

Depois de se referirem aos escandalosos aumentos dos factores de produção e às péssimas condições em que decorreu o ano agrícola, pondo em risco a sobrevivência de muitos agricultores, o documento da Liga sublinha a necessidade de Serviços da Sub-Região de Bragança do MAP estarem «ao serviço dos agricultores do concelho» e de que acabe «o desleixo» dos seus responsáveis sempre ausentes nos dias de feira, precisamente os dias em que os agricultores têm facilidade de vir à cidade».

Reivindicam ainda melhores preços à produção na compra dos cereais, já que «o preço praticado é bastante baixo» e não dá para as despesas, bem como o escoamento da batata ao preço de 10 Escudos o Kg, pois os armazéns continuam cheios apesar das promessas de escoamento da Junta Nacional das Frutas, situação esta idêntica à da batata de semente, devido à excessiva importação de semente estrangeira.

Por outro lado, os agricultores de Bragança reclamam

o pagamento das indemnizações devidas aos produtores da região pelos prejuízos causados pelas geadas na castanha, nas oliveiras e nas nozes. Estas indemnizações deverão ser, «de 80 por cento do valor dos prejuízos, tal como prevê o seguro agrícola».

Depois de se referirem aos escandalosos aumentos dos factores de produção e às péssimas condições em que decorreu o ano agrícola, pondo em risco a sobrevivência de muitos agricultores, o documento da Liga sublinha a necessidade de Serviços da Sub-Região de Bragança do MAP estarem «ao serviço dos agricultores do concelho» e de que acabe «o desleixo» dos seus responsáveis sempre ausentes nos dias de feira, precisamente os dias em que os agricultores têm facilidade de vir à cidade».

O povo português contra a bomba de neutrões

A recente decisão dos EUA de fabricar a bomba de neutrões mereceu — e continua a merecer — em todo o mundo, incluindo, obviamente, o nosso país, um vigoroso repúdio.

Uma das manifestações desse repúdio concretizar-

se-á amanhã, às 19 horas, quando for entregue na embaixada dos Estados Unidos em Lisboa um abaixo-assinado intitulado «Em nome da vida, em defesa da paz, contra a bomba de neutrões».

O texto já foi subscrito por milhares de pessoas, muitas

das quais procederão à sua entrega na embaixada. Nele se pode ler, nomeadamente:

- 1 — Condenamos totalmente a construção da Bomba de Neutrões, que representa uma nova escalada na criminoso corrida aos armamentos, um passo excepcionalmente perigoso na via que conduziria ao holocausto nuclear;
- 2 — Recusamos energicamente o «direito» que os americanos se arrogam de unilateralmente decidirem construir uma tal bomba, especialmente destinada a ser utilizada na Europa, porque também se arrogam o «direito» de unilateralmente decidir enviá-la para a Europa, onde têm centenas de bases militares, e também se arrogam o «direito» de unilateralmente decidirem utilizá-la, nos nossos países, vitimando os nossos povos;
- 3 — Declaramos que não só protestamos hoje assim, como vamos empenhar todos os esforços para ampliar e reforçar o movimento de protesto em Portugal contra a Bomba de Neutrões e todas as Armas Nucleares, pela negociação, o desarmamento e o desmantelamento, pelo fim da miséria, da doença, da ignorância, do medo e da guerra, em nome da vida, em defesa da Paz.



Motoristas marítimos de Leixões em luta

Em Leixões prossegue a luta dos motoristas marítimos por aumentos salariais e subsídios.

As traineiras não saíram para o mar nos passados dias 27 de Julho e 3, 10, 17,

e 24 deste mês.

As greves, que têm tido adesão total e contado com a solidariedade dos pescadores, visam obter um aumento salarial de 3000\$00, subsídio de gases tóxicos,

subsídio de alimentação e aumento do seguro de vida (10 por cento do salário fixo). No próximo dia 31, (segunda-feira) os trabalhadores voltarão a parar. Um plenário de trabalhadores fará o balanço da actual situação.

Nacional

Aljustrel e Castro Verde

Falta a água, mas faltam também as medidas governamentais

No Alentejo, qual suplício de Tântalo, os serviços municipalizados de algumas autarquias passam os dias e as noites e encherem de água os depósitos de abastecimento às povoações... para que estes se esvaziem em poucas horas. Assim sucede em Aljustrel e Castro Verde, onde as populações apenas têm água durante umas poucas horas por dia e, no caso de Aljustrel, os habitantes das partes altas estavam mesmo largas temporadas sem conseguirem o precioso líquido.

Em Aljustrel, o «Avante!» ouviu sobre este problema Fernanda Patrícia, vereadora a tempo inteiro e que na altura substituiu o presidente da autarquia e ainda o vereador Manuel Afonso, responsável pelo pelouro das águas.

— A falta de água no concelho só este ano é que se fez sentir? — quisémos saber.

E Manuel Afonso responde, traçando um quadro da situação anterior e da actual:

— Já antes do 25 de Abril a água faltava e como o consumo quadruplicou desde essa data... Presentemente estão a vir cerca de 800 metros cúbicos diários e mesmo assim não chega, enquanto que há 6 anos vinham apenas 200 metros cúbicos.

— Esse aumento de consumo não resultará das melhores condições de vida que se tomaram possíveis para as classes trabalhadoras após o 25 de Abril?

— Certamente! Antes, poucas eram as casas que tinham água e casa de banho. Só os mais ricos tinham esse «luxo». Com o 25 de Abril, as pessoas começaram a pôr água em casa, a fazer a sua casa de banho e hoje poucas são as que não têm essas comodidades — disse-nos o vereador Manuel Afonso, que acrescentou:

— Mas o problema não se fica por aqui. A tubagem que existe na vila — e é aqui que temos os maiores problemas quanto à distribuição de água — é uma tubagem velha de quase trinta anos e que na altura foi feita já a pensar que não se iria abastecer toda a vila. Prova disso é que o reservatório principal, o R1 como lhe chamamos, está localizado abaixo de algumas casas que já existiam na altura.

Uma obra de fachada

— Quer dizer — acrescentámos — a administração fascista da época limitou-se a fazer uma obra de fachada que servia apenas para uma minoria.

— E com a tubagem temos problemas enormes de roturas. Basta uma falta de energia para as condutas rebentarem. Neste momento, para evitar uma situação quase diária, estamos a colocar umas válvulas de retenção, com o objectivo de que a pressão avance, digamos assim, gradualmente ao longo

das condutas e deste modo evitar os furos e rebentamentos...

— ... que provocavam prejuízos suplementares enormes?

— Sim, neste caso, os trabalhadores da Câmara que andam no reabastecimento do depósito R2 — que abastece os bairros da Mina — quando há roturas têm de ser desviados para o abastecimento porta-a-porta. Resultado, falta a água nos bairros da Mina.

— E esses bairros, quando foram construídos, já tinham água?

— Não, estes bairros que se destinam aos trabalhadores das minas de pirites de Aljustrel e que englobam cerca de mil casas, não tinham água. Só depois do 25 de Abril é que a água canalizada ali foi colocada. Mais uma razão para o aumento do consumo. Além disso, as populações destes bairros utilizavam, tanto para lavagem da roupa, como para a rega dos quintais, a água da represa da mina. Sucede que este ano a represa secou e agora consomem, como é natural, a água potável. Mais um aumento de consumo, embora muita gente continue a ir lavar à barragem de Monte Ruas, que fica a 3 quilómetros da vila.

Abastecimento alternado

Por seu turno, a vereadora Fernanda Patrícia fala da falta de água que afecta os pontos altos da vila. Também ela está dias e dias sem água.

— Pessoas há, geralmente os mais velhos, que ficam durante a noite à espera que a água chegue às torneiras — diz-nos. E muitas vezes sem qualquer resultado.

Mas Fernanda Patrícia tem grande esperança numa solução que começou a funcionar desde domingo passado. Manuel Afonso explica depois o que tencionavam pôr em prática para evitar que certas zonas da vila permanecessem longos períodos sem abastecimento. É o que se pode dizer — dividir o mal pela vila.

— Pensou-se dividir a vila em duas partes — a zona alta e a zona baixa. Deste modo vamos abrir alternadamente a água para uma zona e outra. Dia sim dia não uma das zonas é abastecida. E assim pensamos conseguir manter o

nível do depósito — esclarece Manuel Afonso.

— Mas o depósito principal é pequeno para o consumo? — interrogámos.

— O que se passa é que a disposição da vila de Aljustrel, ao contrário da grande parte das povoações do Baixo Alentejo, está situada entre morros. E deste modo é necessária muito mais água para o abastecimento do que se fosse uma povoação estendida ao longo da planura...

— ... e as zonas altas são sempre as mais prejudicadas?

— Isso mesmo. Devido à grande seca deste ano o consumo é superior à saída do depósito. Para a água chegar aos pontos altos é necessário reduzir esse consumo e mesmo assim demora quatro horas, ou mais, a lá chegar. Não conseguimos que o caudal de entrada seja superior ao de saída. Com esta solução de distribuição alternada isso em princípio vai ser possível e as zonas altas passarão a ter água, pelo menos dia sim, dia não. Anteriormente, estavam longo tempo sem água.

A estação de tratamento que falta

— E a hipótese de fazer um depósito novo? Iria resolver o problema?

— Presentemente, não há qualquer razão para fazer um depósito novo. Os existentes chegam desde que o caudal de água de entrada seja suficiente. Por outro lado não há dinheiro para um depósito novo, que representa um grande investimento e como se sabe o não cumprimento da Lei das Finanças Locais roubou-nos muito dinheiro.

— Mas se a falta de água foi sempre uma constante nesta região do Alentejo, mesmo antes do 25 de Abril, a Câmara nunca pensou em criar estruturas para evitar esse mal?

— Certamente que sim! — respondeu-nos Manuel Afonso — Simplesmente as coisas não se fazem de um dia para o outro, mesmo que não deparem com a burocracia e o desinteresse do poder central. Mas posso dizer-lhe que se o poder central não tivesse atrasado tanto o projecto da Estação de Tratamento de Águas hoje esta situa-

ção poderia estar ultrapassada e teríamos capacidade para fornecer água a outras povoações do concelho.

— Em que consiste esse projecto?

— É um projecto conjunto com a Câmara Municipal de Beja. E tem como objectivo o aproveitamento das águas da barragem do Roxo. O que dizia respeito ao trabalho desenvolvido pelas autarquias está feito ou quase concluído. Mas falta o mais importante...

— ... que é?

— Que é a Estação de Tratamento. Finalmente foi adjudicada há cerca de um mês. Mas perderam-se mais de três anos em pareceres que só atrasaram o projecto. Os trabalhos que competiam à Câmara estão feitos e prontos a serem utilizados. É o caso da estação elevatória na barragem do Roxo e a conduta para a estação elevatória de Rio de Moinhos. Esta tubagem está medida há cerca de três anos.

— Não há dúvida, portanto, que a Câmara pensou, em tempo, na resolução do



Um aspecto da barragem do Roxo, no concelho de Aljustrel. Ao fundo pode ver-se o sistema de captação de águas que a Câmara já construiu pensando que o Governo iria decidir rapidamente sobre a construção da Estação de Tratamento de Águas, que se deve localizar próximo



Mais uns dias e a poça de água que se vê na foto deixará de existir. Antes da seca esta barragem armazenava, próximo de Castro Verde, as águas pluviais, que iam aumentar os caudais dos poços donde a vila se abastece

abastecimento normal de água à vila de Aljustrel?

— Eu diria mais — acrescentou Manuel Afonso — com a Estação de Tratamento de Águas a funcionar teríamos capacidade de ainda fornecer água a quatro povoações do concelho — Ervidel, Monte Ve-

lhos, Rio de Moinhos e Corte Vicente Anes — e presentemente são abastecidas ou por furo ou por depósitos fixos.

— Como têm solucionado a questão da falta de água?

— No ano passado, em que a situação também foi difícil no respeitante ao abastecimento, fizemos diversos furos. Apenas num se encontrou água — o da Mantelra — com um caudal de 15 metros cúbicos por hora e que não é suficiente para encher o Reservatório 2. Além disso, o caudal pode esgotar-se. Foi o que sucedeu com um furo feito há anos na Corte Vicente Anes, que começou com um caudal de 15/20 metros cúbicos por hora e que agora não dá mais do que 1 a 2 metros cúbicos.

— Isso significa que tem de haver um aproveitamento integrado e coordenado dos recursos hídricos de superfície?

— Exactamente. No nosso caso e no de Beja, a barragem do Roxo servirá para abastecer os dois concelhos. Logo que a Estação de Tratamento de Águas esteja pronta deixaremos de ter falta de água. O atraso nesta obra deve-se exclusivamente à responsabilidade do poder central, que desde sempre tem minimizado a importância do problema. E esta obra, é conveniente recordá-lo, só pode ser feita com os dinheiros do Estado.

Água, em Castro Verde, três horas por dia

Em Castro Verde, concelho a sul de Aljustrel, a situação é igualmente dramática. O presidente da Câmara, Fernando Sousa Caeiros, com quem falámos, diz:

— Na vila, propriamente, só temos água durante três horas, das 7 às 10 da manhã. Mas nas zonas altas só apanham água durante duas horas diárias.

— Mas ouvimos falar numa barragem que teria sido feita pela actual administração da autarquia?

— Com efeito, por administração directa da Câmara, fizemos uma barragem para aproveitamento das águas pluviais. A obra foi feita em Dezembro de 1979 e procurou-se desta forma reforçar o abastecimento dos poços já existentes e dos quais nos abastecemos. Mas este ano, devido à seca a barragem começou a secar e em Maio já não dava pinga de água. Começamos então a racionar o abastecimento durante a noite e temos vindo a reduzir até que chegámos a esta situação. Se estivémos mais dois ou três meses sem chuva a situação val-se agravar muito mais.

— E em relação às outras localidades do concelho?

— Nas outras povoações, como os consumos não são muito grandes, é possível garantir um abastecimento satisfatório com recurso aos furos.

Obras afectadas

— Têm tido despesas suplementares com esta situação de catástrofe?

— Não são só as obras afectadas, é também o dinheiro que já gastámos e com cuja despesa não contávamos. Para tentarmos resolver esta falta de água já gastámos este ano para além das verbas que habitualmente estão dedicadas a este sector, mais de 2000 contos. É uma

despesa muito grande para uma autarquia afectada pelo não cumprimento da Lei das Finanças Locais.

— E quais foram as obras directamente afectadas por esta transferência de verbas?

— A construção de 16 fogos da Câmara, que já poderiam ter começado, não fora a falta de dinheiro, o mercado municipal e ainda as infra-estruturas de um bairro de construção cooperativa de 104 fogos. Entretanto, proibimos a utilização de água para regas e obras. Para solucionar esta questão, já que as obras não podem parar e as hortas particulares — que representam um importante factor da economia familiar — não podem secar comprámos um tractor e um depósito de 5000 litros que se dedica a abastecer estes casos com água de um pego que não é potável.

Projecto com a Câmara de Ourique

— Também fizeram furos para aumentarem o caudal de abastecimento à vila?

— Só em Castro Verde fizemos 11 furos. Não aproveitámos nenhum. Mas a solução continua a não ser a utilização das águas subterrâneas até porque se esgotam e nunca há a certeza de as existências virem a ser repostas com um Inverno de chuva.

Por isso temos um projecto comum com a Câmara de Ourique a partir da barragem do Monte da Rocha. O projecto tem mais de dois anos e ainda não está pronto devido aos atrasos que encontra por parte da administração central. É um projecto que custa 200 mil contos ao preço actual e nenhuma das câmaras tem capacidade financeira para o custear.

— E no que diz respeito à agricultura?

— Como sabe Castro Verde e Almodôvar não estão abrangidos pelo Plano de Rega do Alentejo. Torna-se necessário criar um conjunto de três ou quatro barragens para o desenvolvimento da agricultura nestes concelhos, nomeadamente no desenvolvimento da pecuária, pois esta é uma região de terras pobres, terras brancas ou a campanha como lhe chamam e sem água para criar pastagens e para o gado beber o desenvolvimento económico será muito difícil, senão impossível.

— Segundo consta os intermediários especuladores têm-se aproveitado desta situação para açambarcarem os fardos de palha?

— Na verdade, um fardo de palha, levantado no terreno custa já 150\$00 e a perspectiva é de custar 200\$00 ou mais daqui a três meses. Mas já hoje muitos produtores estão a vender o seu gado abaixo do preço porque não têm nada para lhes dar de com-

mer e as rações estão a um preço que eles não podem suportar.

— E o Governo, tem feito alguma coisa para minorar o problema?

— O que se verifica é que as autarquias, mesmo destituídas de meios, têm estado a suportar esta situação e o poder central ainda não mexeu o dedo para resolver a situação de calamidade que estamos a atravessar. Só nós já gastámos, e vale a pena repetir, cerca de 2000 contos que eram imprevisíveis.

Um governo indiferente

Um pouco por todo o Alentejo a situação é idêntica. Com tendência a agravar-se espectacularmente caso não chova, como na pior das hipóteses se pode prever, nos próximos meses. Os recursos hídricos subterrâneos deixarão de satisfazer as necessidades. E nada garante que poderão ser utilizados nos anos seguintes. A utilização de um plano integrado e coordenado dos recursos hídricos de superfície não está feito. E aqui torna-se necessário falar novamente de Alqueva e do potencial que este empreendimento representa para todo o Alentejo e também para o Algarve. Mas segundo parece, os atrasos constantes provocados pela administração «AD» levaram os espanhóis a denunciarem o acordo de aproveitamento das águas do Guadiana.

Por outro lado, há meses que as autarquias chamavam a atenção par a gravidade do problema. Ainda recentemente, quando Pinto Balsemão se deslocou a Ourique os representantes dos órgãos autárquicos do distrito de Beja lhe entregaram uma exposição detalhada, onde se levantava a gravidade do problema caso medidas concretas não fossem tomadas de imediato. Mais tarde, as Câmaras de todo o Alentejo deram uma conferência de imprensa para chamar a atenção do país e dos governantes para a gravidade crescente do problema. Até agora, o Governo nada de concreto fez. Limitou-se a publicar uma nota oficiosa onde foga às responsabilidades, fazendo crer que este problema compete estritamente às autarquias. Simplesmente, as autarquias têm feito o que podem e até o que não podem para resolver a questão. O que as autarquias não podem é dispor das elevadas verbas necessárias para levarem a cabo as obras necessárias. E não podem porque o dinheiro que lhes pertencia ficou nas mãos do Governo. Mas há mais: o Governo finge desconhecer que o artigo 16.º da Lei das Finanças Locais lhe permite atribuir subsídios extraordinários às autarquias para estas fazerem face a situações de calamidade. Também aqui o Governo se demite da sua função. E se hoje o Alentejo se debate com falta de água o grande culpado é o Governo. Muito poderia já estar feito não fora o desinteresse e o boicote manifestados pela «AD».

Casas abandonadas pelo Governo «AD»

● Em Castro Verde são 104 fogos

Quem entre em Castro Verde vindo de Aljustrel ou Beja depara com um aglomerado de casas térreas inacabadas. São concretamente 94 habitações que estão abandonadas ali à entrada da vila. Pertencem à Cooperativa de Habitação Económica do Concelho de Castro Verde — a COOPHECAVE — e fazem parte de um total de 104 fogos começados a construir no concelho em 1978. As restantes situam-se em Almeirim e Entradas.

A obra contou com um financiamento inicial de 48 mil contos e em Novembro de 1980 para os trabalhos prosseguirem foi pedido ao Fun-

do de Fomento de Habitação um reforço de verba no valor de 41 mil contos.

Já lá vai quase um ano e até agora não houve resposta.

Lamentando esta situação, diz-nos o presidente da Câmara, Fernando Sousa Caeiros:

— As obras tiveram de parar por falta de verba e a empresa a quem tinha sido adjudicada a empreitada viu-se obrigada a despedir pessoal. Entretanto, o Fundo de Fomento de Habitação não diz que sim, nem que não, quanto ao reforço de verba pedido.

— O mais grave — acrescenta — é que se o reforço

fosse concedido, cerca de 32 casas poderiam ser habitadas dentro de dois meses.

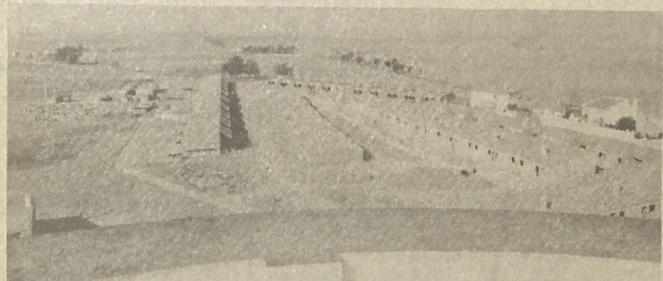
Entretanto, a situação habitacional no concelho é grave e os especuladores aproveitam-se disso. Uma casa nova é hoje arrendada por 8 mil escudos mensais. E a situação tende a piorar, pois até 1986 começaram a funcionar as minas de Neves Corvo, no concelho, o que irá criar 650 novos postos de trabalho directos. Portanto mais famílias com necessidade de se alojarem, se não tivermos em conta os postos de trabalho indirectos que uma empresa deste tipo necessariamente cria.

E o presidente da Câmara de Castro Verde acrescenta:

— Este projecto — o maior que se realiza em qualquer concelho do país — constituiria uma injeção no mercado habitacional que acabaria com as rendas especulativas. A Câmara tem igualmente um projecto em fase de começar respeitante a 16 fogos. Por seu turno, o Fundo de Fomento de Habitação tem também um projecto de construção de 83 novos fogos, projecto esse cujas infra-estruturas estão executadas há mais de um ano, para além do terreno ter sido cedido ao Fundo de Fomento e até agora este organismo não avançou com a obra.

Entretanto, as obras continuam paradas. Quem está interessado neste abandono, que já consumiu mais de 40 mil contos? Quem está interessado em que aquelas casas não fiquem em condições de serem habitadas?

Com estes 104 novos fogos talvez não se pagasse de renda por uma casa nova cerca de oito contos mensais, que podem vir a subir se a procura aumentar, como tudo leva a crer, com a instalação dos serviços da nova mina.



Um aspecto do bairro que o Fundo de Fomento de Habitação votou ao abandono

Trabalhadores

Hotelaria e Turismo

Está marcada para o próximo dia 3 de Setembro a primeira reunião de negociações entre a Federação dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria e Turismo e os representantes do patronato. Em foco está a revisão do actual contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV). Os trabalhadores reivindicam aumentos de 25 por cento nos salários entre 1 de Outubro deste ano e 30 de Setembro de 1982, acrescidos de mais de 12 por cento entre 1 de Outubro de 1982 e 30 de Março de 1983. A par das reivindicações de carácter geral ao abrigo do CCTV, a Federação salienta o seu incondicional apoio às reivindicações específicas nas empresas em luta por cadernos reivindicativos. É o caso da Sociedade Estoril Sol (ver artigo nesta página).

Ramo automóvel: Federação apresenta proposta de aumentos

Foi já entregue aos representantes do patronato a proposta de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical (CCTV) dos trabalhadores do ramo automóvel (fabricação, montagem, comércio e reparação). A proposta há dias entregue pela Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal (FSMMMP) resulta das conclusões de um debate efectuado pelos trabalhadores em torno do anteprojecto elaborado pela Federação. A proposta integra, entre outros, os seguintes pontos reivindicativos: aumento médio de 30 por cento (com efeitos a partir de 1 de Julho), aumento médio de 27 por cento para os aprendizes, praticantes e paquetes; elevação dos valores fixos dos abonos por falhas, actualização dos subsídios do pequeno-almoço, almoço e jantar para os trabalhadores deslocados dos seus locais habituais de actividade; aumento das ajudas de custo nas pequenas e grandes deslocações. O ramo automóvel emprega cerca de 55 mil trabalhadores. Só nas nove maiores empresas de fabricação e montagem (Ford, General Motors, UTIC, Salvador Caetano, Renault, Francisco Batista Russo, Citroen, Casal e Entreposto) labutam 10 mil trabalhadores, metade dos quais são operários.



Estoril Sol

Aumentos salariais na ordem dos três mil escudos, a passagem à efectividade de cerca de 250 contratados a prazo, direito a complementos de reforma e criação de uma creche — estas as reivindicações dos 1700 trabalhadores da Sociedade Estoril Sol. Na passada semana os trabalhadores das salas de jogos (cerca de 300) realizaram uma paralisação de 48 horas, com uma adesão de 90 por cento. Decorrem, entretanto, novos plênários de empresa e caso a administração mantenha a sua intransigência os representantes sindicais accionarão os mecanismos legais necessários para novas formas de luta no mês de Setembro.

Bancários do Sul e Ilhas

A direcção sindical é constituída por elementos dos Conselhos de Gerência e por membros do Governo?

● **Silêncio comprometedor nos Seguros**

O que é e o que representa o divisionismo, os objectivos da chamada UGT e os processos utilizados pelos seus representantes são já bem conhecidos dos trabalhadores portugueses. As posições divisionistas a favor da desmobilização das lutas e o seu incondicional apoio e ligação à política da direita são factos que se registam no dia-a-dia e que os trabalhadores denunciam com firmeza. Exemplo destacado do que é na prática a orientação dos divisionistas temo-la na direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas. Os pequenos e os grandes pormenores de uma acção anti-sindical dessa direcção revelam-nos, sem margem para dúvidas, os "fundamentos" em que se baseia a actividade dos representantes da UGT nesse importante Sindicato: a mentira, o truque mais ou menos descarado, a improvisação, o conluio com as administrações e o Governo, o desrespeito pelo sentir colectivo dos trabalhadores, a cedência de direitos em que a classe se empenha.

Recentemente, o "Letra Nova", boletim informativo da célula dos trabalhadores comunistas do Banco Totta e Açores (BTA), num artigo intitulado "Só é enganado... quem tem direcções destas", apresentou um breve mas significativo balanço de recentes atitudes dos dirigentes do Sindicato. O Conselho Geral efectuado nos dias 1 e 2 de Julho de 1981 (o tal que a direcção não quis que os delegados sindicais assistissem) pode considerar-se o mais vergonhoso alguma vez realizado", salienta o "Letra Nova",

que acrescenta: "Começou por se discutir e votar apenas o que a direcção entendeu alterar no Regulamento dos SAMS. As propostas de alteração apresentadas pelos elementos eleitos pelas listas unitárias foram sistematicamente rejeitadas pela maioria UGT. "Seria bom que a direcção divulgasse essas propostas, para se ver quem defende e quem ataca os trabalhadores bancários". O boletim, a título de curiosidade, aconselha "todos os beneficiários dos SAMS a enumerarem, quando dispu-

Trabalhadores dos CTT começam hoje nova fase de luta

- **Paralisações distritais até 1 de Setembro**
- **Greve geral nacional nos dias 3 e 4**

A intransigência da administração, que se recusa a negociar um acréscimo de 2,5 por cento sobre a tabela que assinou com uma organização divisionista representativa de 78 empregados da empresa, continua a ser a causa da luta dos cerca de 30 mil trabalhadores dos CTT, que iniciam hoje uma nova fase de paralisações.

Poucas horas antes de ser divulgado à opinião pública através de uma conferência de imprensa o novo calendário de greves, o representante do Ministério do Trabalho responsável pelo caso afirmou à Federação das Comunicações e Telecomunicações (FCT) que de nada valeria nova reunião com os administradores da empresa, solici-

tada pelos sindicalistas, uma vez que da parte da administração não havia quaisquer propostas ou desejos de acordo negociável. Os trabalhadores dos CTT exigem aumentos na ordem dos 24,5 por cento e subsídio de refeição no valor de 150\$000. Numa atitude de intransigência e de nítido cariz político — pretende-se im-

por uma organização "sindical" divisionista como representante dos trabalhadores — a administração avançou aumentos salariais de 22 por cento. As lutas que hoje têm início, e que surgem como prolongamento de outras acções anteriormente realizadas (incluindo a greve geral que se efectuou a 12, 13 e 14 deste mês, com forte adesão), têm a forma de paralisações distritais. Hoje param os trabalhadores dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Bragança, Vila Real e Porto. Amanhã é a vez de Aveiro, Viseu, Guarda, Coimbra e Castelo

Branco. Na segunda-feira, dia 31, cessa a actividade laboral nos distritos de Lisboa, Leiria, Santarém, Setúbal e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. No dia 1 de Setembro a greve ocorrerá nos distritos de Faro, Beja, Évora, e Portalegre. A 3 e 4 desse mês haverá greve geral, com expressão nacional. As manobras com que a administração tem, entretanto, actuado foram denunciadas pela Federação sindical que, em comunicado salienta: "Substituem-se grevistas, faz-se andar a correspondência dum lado para o outro só para tentar esconder a realidade aos órgãos de Comunicação Social e à população em geral. Hoje seguiram 500 malas de correio para o Porto e 460 para Coimbra sem que tivessem sido abertas em Lisboa". Mais: "Fazem-se contratos a prazo para substituir gre-

vistas (a Central dos Correios de Lisboa vai contratar mais 300 pessoas no início da semana)". A situação na empresa vai agravar-se nestes dias, caso os administradores prossigam a sua política de intransigência e o Governo continue a manifestar desinteresse pelo problema. Acumulam-se milhões de volumes postais e milhares de registos e telegramas. Torna-se cada vez mais difícil normalizar os serviços da empresa. Que pretende, afinal, a administração dos CTT? Se até 4 de Setembro o conflito não for solucionado, as estruturas representativas dos trabalhadores divulgarão certamente novas formas de luta. Os trabalhadores que conduzem por acumulação deixarão de o fazer, o que levantará para a administração um problema bem difícil de resolver.



Contra a luta dos trabalhadores dos CTT, manifestaram-se com particular demagogia a administração da empresa, os ministros do Trabalho e dos Transportes e das Comunicações, estes em comunicação conjunta e a organização divisionista que agrupa cerca de 7 dezenas dos 30 mil trabalhadores da empresa

Refira-se que os prejuízos até agora possíveis de contabilizar devido às formas de luta cumpridas pelos trabalhadores da empresa já são três vezes maiores do que se os 2,5 por cento que separam a proposta sindical dos valores avançados pela administração tivessem sido logo no início ultrapassados.

A falência da CORFAM's: "Muitos interesses por detrás..."

A ameaça de desemprego é hoje, talvez, o problema mais grave dos trabalhadores do sector têxtil. O documento de conclusões do plenário de sindicatos do sector têxtil, recentemente realizado, refere que só nos primeiros 7 meses de 1981, cerca de 2000 trabalhadores do sector foram lançados no desemprego e que mais 8 mil correm o risco de durante os próximos meses ficarem em igual situação.

Este é o perigo que já paira sobre os trabalhadores da Prim e da Algot. As desintervenções, a liberdade de actuação das multinacionais, o escandaloso apoio à actividade de capitalistas estrangeiros em Portugal, que provocou a falência e o desemprego de mais de 600 trabalhadores da CORFAM's, o incentivo à criação de grupos económicos, a falta de apoio às empresas em autogestão e cooperativas e às pequenas e médias empresas — esta é a política fomentada pelo Governo "AD", que torna cada vez maior o número de desempregados, em particular neste sector.

O citado exemplo da CORFAM's é dos mais recentes e escandalosos casos que ilustram a política de recuperação capitalista do Governo. O "Avante!" teve oportunidade de falar com Teresa Alves, uma das 630 operárias que ficaram no desemprego. Perguntámos a Teresa das verdadeiras razões que levaram ao encerramento da empresa.

Teresa — «Bem, a resposta podia ser: a empresa faliu. Mas há muitas coisas, muitos interesses por detrás disto tudo. «É verdade que a União de Bancos Portugueses (UBP) deixou de financiar a empresa. É verdade que deixou de

ter capital para comprar matéria-prima, mas também é verdade que dos três patrões, o francês tinha 60% do capital e os dois portugueses tinham 40%.

«Esse francês, Max Azire, é patrão e cliente da CORFAM's porque a CORFAM's é que fornecia a AZ3, empresa comercial em França de que ele é patrão. Nós entregávamos as encomendas e ele não pagava. Fica claro que havia in-

teresse na falência, ele levou cerca de 500 mil contos. «Ele tinha uma outra empresa em França com 116 trabalhadores, que também encerrou». «Avante!» — Que situação vivem agora os 630 trabalhadores? Teresa — «A situação é desesperante. «Andar pelo Fundo de Desemprego não é solução, nós queremos trabalhar. «Mesmo assim, por exemplo, eu começo a ganhar pelo Fundo de Desemprego a partir de 1 de Agosto, mas só recebo em Outubro. Entretanto

ção à CORFAM's, os trabalhadores desenvolveram algum processo de luta? Teresa — «Claro, mesmo antes de ser declarada a falência, fizemos uma série de diligências, junto de entidades oficiais, grupos parlamentares, etc. aliás, o PCP fez a proposta da nossa situação um requerimento na Assembleia da República. «Este período de férias não ajuda muito, de qualquer forma em Setembro, temos previsto ir para a Assembleia da República, contactos com outros órgãos oficiais, abaixo-assinados, concentrações etc.».

Nota da SIP da DORP A propósito do encerramento da CORFAM's, lê-se numa nota da SIP da DORP: «A empresa tem condições técnicas e económicas para retomar o funcionamento. «Pode rapidamente reconstituir uma boa carteira de encomendas e diversificar as suas relações comerciais. «Os trabalhadores devem manter-se unidos e firmes na defesa dos seus postos de trabalho, exigir a intervenção da Secretaria de Estado da População e Emprego, reclamar que a banca nacionalizada abra caminho a uma solução. «Exige-o o interesse dos trabalhadores e da economia nacional».

● «Avante!» entrevista uma das 630 operárias que ficaram no desemprego.

Função Pública: A incapacidade negocial do Governo

Em comunicado recente, no qual se denunciam vários aspectos relacionados com a incapacidade negocial do Governo, os representantes dos trabalhadores da Função Pública, detendo-se na "imposição unilateral do montante do subsídio de refeição" (aumento de 10\$00), salientam:

"O Governo foi extremamente lesto há publicação do diploma que eleva o subsídio de refeição. Ou seja, os trabalhadores da Função Pública pagam já nos refeitórios 60\$00 mas apenas recebem 50\$00 de subsídio".

Mesmo que saia entretanto tal diploma, os prejuízos para os trabalhadores e a imagem de profundo desrespeito pelos cidadãos que labutam na FP são pontos mais que definidos no âmbito de uma política antidemocrática a que o País tem vindo a assistir nos últimos tempos.

Por outro lado, a Comissão Negociadora Sindical (CNS) "constata também, e mais uma vez, a incapacidade do Governo em negociar com os representantes dos trabalhadores da FP. Tendo-se realizado a 6 de Agosto a última reunião com a Comissão Governamental mandada pelo Secretário de Estado da Reforma Administrativa, que não produziu quaisquer resultados concretos e tendo ficado a ordem de trabalhos bem longe de ser esgotada, não foi ainda marcada a continuação da referida reunião".

Tal encontro "deverá apreciar um conjunto de matérias constantes do Decreto-Lei 110-A/81, que possuem extrema importância para os trabalhadores do sector, nomeadamente no campo do trabalho extraordinário e trabalho nocturno". A Comissão Negociadora da Federação Nacional dos Sindicatos da FP, analisando o actual momento político, "manifesta a sua preocupação face ao seu evoluir" declarando que a situação política "não poderá vir a ser utilizada como pretexto para o Governo não dar cumprimento a compromissos já assumidos, nomeadamente quanto ao início próximo da negociação da revisão salarial para 1982 e os restantes pontos pendentes da Proposta Reivindicativa Imediata".

Serviços prisionais

A Federação dos Sindicatos da FP, também em documento divulgado recentemente, reivindica melhores condições para a actividade dos trabalhadores dos departamentos e secções dependentes da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais (DGSP), particularmente os do sector de vigilância e segurança.

A caduca organização herdada do fascismo, o desinteresse dos responsáveis, as indefinições do horário de trabalho e as deficiências técnicas e humanas são algumas das causas da situação que se vive nos estabelecimentos prisionais, como assinala a Federação sindical.

serem do novo Regulamento, os artigos que terminam com a seguinte redacção: "... condicionado a despacho concordante do Conselho de Gerência".

Esquecimentos...

Referindo-se à tabela acordada, a célula do PCP no Banco Totta e Açores, depois de a considerar como "um verdadeiro brinde ao Governo", sublinha que se teve como objectivo o cumprimento do "pacto social", "ainda que sem a coragem de o dizer abertamente aos bancários".

Como atrás de uma cedência vem sempre outra cedência, numa cadeia de conciliação bem ao estilo da UGT, o Governo e as administrações foram "colher mais alguns frutos". Refere, a propósito, o boletim dos trabalhadores comunistas do BTA: "Assim, na sequência do que já se tentara e conseguiu com os contratos a prazo, isenções, alteração de 5 por cento para 10 por cento dos promovíveis por mérito, o Governo conseguiu introduzir no CCTV outro factor de divisão: permitir que qualquer Conselho de Gestão, através da celebração de contratos de trabalho indivi-

duais, pague aos trabalhadores que entender, acima da tabela salarial, os montantes que muito bem pretendia".

Em relação aos valores acordados, a conciliação extrema da UGT foi ao ponto de concordar com os 19,7 por cento (nem a proposta sindical era suficiente, quanto mais esta...), afirmando que se tratava de... uma vitória. E mais: era uma vitória com grande "significado" porque em três revisões salariais acordadas, a direcção do Sindicato tinha conseguido aumentos de 75 por cento na totalidade.

"Lamentavelmente, porém, esqueceu-se de dizer quanto é que os governos a que é afectada aumentaram, em igual período, os géneros de primeira necessidade", recorda o "Letra Nova".

Votar no que já está decidido...

O que se passou no Conselho Geral de 1 e 2 de Julho, além da prática corrente da UGT entre os bancários, passou a constituir mais uma página (bem amarelada) do extenso livro de tropeças e truques baixos do divisionismo. As cedências e as manobras realizadas foram tais que a própria direc-

ção do Sindicato se viu e desejou para convencer todos os presentes que a priori seria fácil convencer. Muitos dos trabalhadores afectos à direcção absteram-se ou votaram contra o "Acordo", como fizeram os membros das listas de unidade democrática.

Houve nesse Conselho violação dos resultados da votação e para cúmulo um dos senhores da UGT disse que a direcção assinaria o "Acordo" no dia seguinte, mas não se importava de levar a

permitted que os delegados sindicais assistissem ao Conselho Geral sobre a tabela salarial; "Uma direcção que contacta os trabalhadores pelo correio, com comunicados idiotas — vem, numa manifestação gratuita de falso basismo, pedir aos bancários que votem... no que já está decidido. É uma vergonha, é um escândalo!".

Dentro de poucos meses — acrescenta o "Letra Nova" — os trabalhadores do sector bancário começarão a pen-

O boletim da célula dos trabalhadores comunistas do Banco Totta e Açores denuncia com firmeza as recentes manobras e falcatruas da direcção UGT do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

● **Direcção do Sindicato dos Seguros do Sul: «complot» familiar em perspectiva**

Entretanto, no Sindicato dos Trabalhadores de Segu-

ros do Sul e Ilhas — sector que emprega cerca de 10 mil pessoas — as manobras com a marca UGT não andam muito longe das praticadas pela direcção dos Bancários.

O processo de revisão do Contrato Colectivo nos Seguros tem sido envolvido por uma cortina de silêncio e pouco ou nada se sabe, com rigor, dos resultados práticos (se realmente os há...) das conversações entre o secretariado UGT e as companhias seguradoras.

Há dias, os membros do Conselho Geral do Sindicato eleitos pela lista unitária remeteram àquele secretariado para que tivesse em conta, nas negociações, os recentes aumentos dos preços decretados pela "AD" já depois da apresentação da proposta salarial.

O secretariado, acusam os elementos da lista unitária, optou, tudo o leva a crer, por um "acordo secreto, tipo «complot» familiar, que se destinará a premiar um reduzido grupo de eleitos".

Depois de recordarem que foram os primeiros a apresentar uma proposta de nova tabela salarial e algumas alterações ao actual Contrato Colectivo de Trabalho (a proposta foi inclusiva-

mente adoptada, a princípio, pelo secretariado do Sindicato), os sindicalistas eleitos pela lista unitária para o Conselho Geral exigem respostas concretas da direcção para as seguintes questões, presentes aliás nas actuais preocupações de praticamente todo o sector laboral:

"Qual a data de denúncia do CCT e da tabela salarial? Qual a redacção final das alterações ao CCT que vão ser negociadas e que o secretariado prometeu distribuir o mês passado? Que data efectivamente reivindica o secretariado para o efeito da tabela salarial e CCT? O processo judicial da retroactividade da tabela 79 tem ou não já um veredicto e qual?"

Os sindicalistas da corrente unitária e democrática defendem que o Contrato de Trabalho e a tabela salarial deviam ter sido denunciados antes do mês de Abril. A partir do dia 1 desse mês deveria ter efeito a nova tabela salarial. Defendem ainda o direito à retroactividade de seis meses de aumentos salariais relativos aos anos de 1979 e 1980. O Governo já se manifestou abertamente contra tal reivindicação.

O trabalho na Ajuda

Vamos aproveitar ao máximo o próximo fim-de-semana!

● Carpinteiros: uma colaboração fundamental

No Alto da Ajuda há ainda trabalho para centenas de camaradas e amigos!

Por isso, a próxima jornada de fim-de-semana (a última antes da Festa) reveste-se de uma importância extrema para o pleno êxito da actividade preparatória.

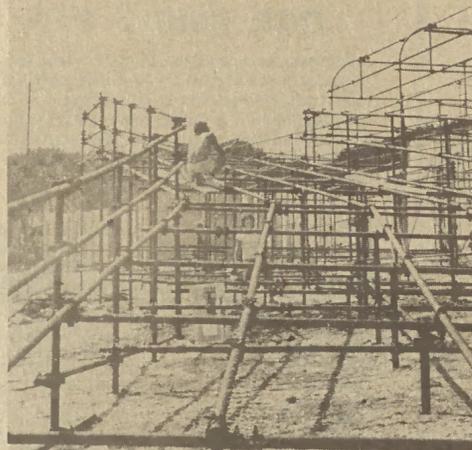
A participação de todos os militantes e amigos do Partido que se possam deslocar ao Alto da Ajuda é uma tarefa que deve estar na ordem do dia. Todos nós poderemos dar uma colaboração. Cabe, no entanto, aos carpinteiros um papel bem destacado, uma vez que é no trabalho de carpintaria que a implantação da Festa está a exigir maior aplicação.

Sábado e domingo, e mesmo nos dias úteis ao fim da tarde, a Festa do "Avante!" conta com a participação voluntária e abnegada de muitos carpinteiros, camaradas, amigos e simpatizantes do PCP, trabalhadores democratas que sentem a Festa do "Avante!" como o grande convívio popular do Portugal de Abril.

Quem puder levar ferramenta, ópti-

mo! Facilita-se a organização no Alto da Ajuda. Mas quem não puder, também não ficará sem trabalho.

Recordamos ainda que funciona na Ajuda um restaurante para os camaradas e amigos que vão colaborar nas jornadas de trabalho, além dos vários chuveiros, serviço de primeiros socorros e outras estruturas de apoio.



No último fim-de-semana registou-se uma elevada participação de camaradas e amigos no trabalho de implantação, pinturas e limpeza do terreno, entre outras tarefas. No sábado foram mais de 1500; no domingo o número foi um pouco inferior.

No próximo, a nossa presença será mais alargada. Vamos acabar a Festa!

Informações úteis aos camaradas com tarefas na Festa

Para os camaradas que colaboram nos trabalhos durante os dias da Festa do "Avante!" aqui se divulgam algumas normas do funcionamento, bem como o horário da mesma:

Horário de funcionamento

	Abertura	Encerramento
Sexta-feira.....	19 h	01 h
Sábado.....	10 h	01 h
Domingo.....	10 h	24 h

Camaradas com tarefas na Festa — poderão entrar antes da abertura, pelas portas de

serviço desde que devidamente identificados com o Cartão da Festa e a Entrada Permanente (EP).

A exigência da EP e do Cartão da Festa, para estes camaradas com tarefas, começa a ser feita a partir das 7 horas de sexta-feira, dia 4 de Setembro e manter-se-á durante os dias da Festa. Todos os camaradas nestas condições deverão preencher devidamente os Cartões que lhes forem distribuídos e que os identificam, indicando o nome e a Organização a que pertencem.

Cidade do Desporto O que é, o que tem...



A presença do desporto na Festa do "Avante!" é assunto que não necessita de "explicações". Ano após ano, a actividade desportiva tem vindo a afirmar-se com destaque no âmbito do programa da Festa. Por isso, nos próximos dias 4, 5 e 6 de Setembro milhares de visitantes poderão assistir e participar numa intensa movimentação desportiva e em várias actividades integradas na Cidade do Desporto do Alto da Ajuda, que se localiza logo à entrada da Festa, no lado esquerdo, ocupando sensivelmente a mesma área do ano passado.

A Cidade do Desporto inclui o polivalente (onde decorrerão dois Festivais Internacionais de ginástica, jogos de futebol, andebol, basquetebol, voleibol e demonstrações de judo e de Jogo do Pau), a zona dos Jogos Populares (chinquilho — malha grande e pequena, malha) e o pavilhão central onde, além do "bar do desportista", venda de artigos desportivos (incluindo galhardetes, camisolas, emblemas, etc.) e exposição subordinada ao lema "Por uma dinâmica popular no Desporto", decorrerão as partidas de xadrez, damas e Jogo da Ronda.



No último domingo realizaram-se em vários pontos do país provas de atletismo integradas na 4.ª edição da Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria da Festa do "Avante!". Foram iniciativas abertas a todos os interessados: atletas individuais e integrados em grupos, clubes, associações, etc. Em Troia (Setúbal) os mais pequenos foram a grande sensação da jornada, enquanto na região do Porto (Vila Nova de Gaia) 350 participantes de ambos os sexos e em vários escalões animaram simultaneamente uma Festa do Partido. Em Lisboa as provas decorreram em Belém, junto à Torre, e como as nossas fotos documentam houve entusiasmo. A 4.ª edição da Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria, que este ano se realizou com novos moldes, constituiu uma excelente jornada de divulgação da Festa do "Avante!"



A Cidade do Desporto da Festa do "Avante!" (zona 9 na planta) situa-se perto da entrada, do lado esquerdo, junto da representação dos Pioneiros (zona 10). Está previsto um diversificado conjunto de iniciativas na Cidade do Desporto, nomeadamente dois Festivais Internacionais de Ginástica e as finais do torneio de futebol "Avante!" 81, além de outras modalidades

Xadrez no Porto

Realiza-se no próximo dia 29, sábado, às 15 e 30, o torneio de partidas rápidas de xadrez, integrado no grande torneio da Festa do "Avante!", fase regional. Os 10 primeiros classificados serão apurados para o torneio de "rápidas" a realizar no Alto da Ajuda.

Torneio de futebol

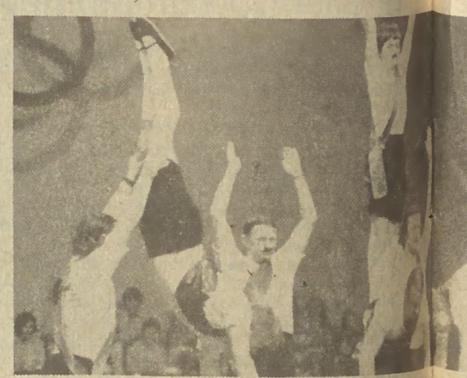
● Os jogos finais

Espera-se com especial interesse o desfecho do torneio de futebol de salão "Avante!"-81. As meias-finais realizam-se no dia 5 e a finalíssima no dia 6, às 16 horas, sendo estes encontros disputados no polivalente da Cidade do Desporto.

Respeitando o Regulamento da iniciativa, que a "Avante!" já publicou na íntegra, em 12 de Junho, o apuramento para a presença no Alto da Ajuda fez-se por "zonas".

Falta apenas saber qual será a equipa representante da "zona" distrito de Lisboa, Açores, Madeira e Engadina. Do jogo a disputar entre as equipas das duas primeiras formações sairá a apurada.

Na zona norte venceu a turma "Abril Vencedor" (Machado), na zona centro a FIAC, "Frente Internacional de Futebol".

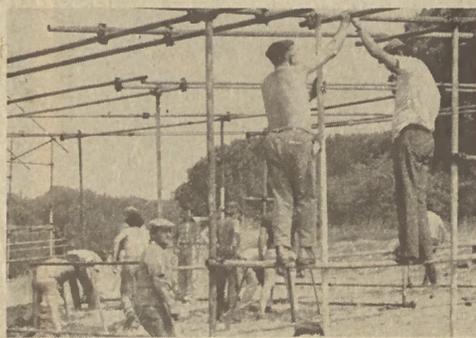
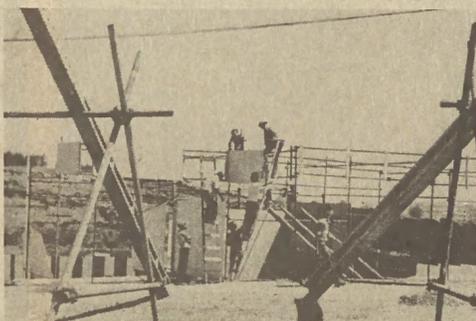


Modalidade desportiva de grande impacto e prestígio, a ginástica artística tem vindo a afirmar-se no âmbito do programa da Festa do "Avante!". Os especialistas em acrobacias e equilíbrio das ginastas virão da República Democrática Alemã (RDA) e, estarão a fazer um público numeroso e interessado. Recorde-se, entretanto, que a reconhecido mérito internacional nas "disciplinas" de ginástica desportiva, haverá três festivais internacionais de ginástica; dois no polivalente do Alto da Ajuda e um no pavilhão central.

Setúbal

No próximo domingo, dia 30, durante uma sessão de fados e canções, a realizar a partir das 17 horas, no "Chico da Cana", serão entregues todos os prémios relativos à actividade desportiva desenvolvida no contexto de Setúbal no quadro da edição deste ano da Festa do "Avante!"

do ante!



Com a dedicação e o entusiasmo de milhares de camaradas e amigos, a Festa do «Avante!» será uma realidade de grande significado político, cultural, artístico e desportivo do Portugal de Abril. São poucos os dias que nos separam do início da Festa. Estamos na «ponta final». Novo fôlego e novas forças são agora mais do que necessárias para a plena concretização das tarefas. No próximo fim-de-semana estamos todos na Ajuda!

A venda da EP Um esforço na «ponta final»

Temos ainda uma semana!
Na venda da Entrada Permanente da Festa do «Avante!» muita coisa pode ainda ser feita. Dir-se-ia que estamos na «ponta final» dessa importante tarefa no âmbito da actividade preparatória e de divulgação do maior convívio popular do nosso País.

Todos nós temos, de certeza absoluta, um familiar, um amigo, um colega, um companheiro de trabalho, um vizinho, uma cara conhecida lá do café, alguém que ainda não possui EP e que a esta hora está a fazer planos de ir à Festa do «Avante!».

A essas pessoas temos que levar a mensagem da nossa Festa. A alegria do seu convívio. A variedade e o nível dos seus espectáculos. E também, é claro, uma, duas ou três EP's (aparece sempre mais um!), o tal bilhete colorido que dá acesso ao recinto durante os três dias, podendo o seu portador entrar e sair as vezes que necessitar.

Um bilhete que custa apenas 170\$00 e que possibilita a participação na maior Festa de Portugal de Abril. Ali encontraremos a arte, a cultura, a música, a solidariedade internacional, o abraço da amizade construída pelos trabalhadores, pelos comunistas, pelo democratas do País de Abril.

Um bilhete que automaticamente candidata o seu possuidor a grandes prémios. O amigo leitor já viu, por acaso, a lista dos prémios do terceiro e último sorteio das EP's que se vai realizar na própria Festa?

Pelo que acabámos de referir, cremos que não existem quaisquer dúvidas sobre os «argumentos» que nos podem acompanhar quando chegamos junto dum amigo — por exemplo, aquele que, com a família, chegou ontem de férias — para lhe levar a EP da Festa.

É uma questão de iniciativa. De vontade militante!
Nesta «ponta final» de meia dúzia de



dias vamos «atacar» com força na venda da EP! Vamos contribuir para o êxito de mais uma Festa do «Avante!», uma Festa que será ainda melhor neste ano de luta, unidade e acção em defesa da democracia e dos direitos dos trabalhadores.

Prémios magníficos no 3.º Sorteio

Como é habitual, o 3.º sorteio das EP's vai realizar-se no decorrer da própria Festa do «Avante!». Os prémios — aliciantes, como se pode ver — são os seguintes:

- 1.º — 2 Viagens à União Soviética
- 2.º — 1 Televisor a cores
- 3.º — 1 Tenda de 2 quartos
- 4.º — 1 Bicicleta para adulto
- 5.º — 1 Saco de dormir
- 6.º — 1 Moinho de café
- 7.º — 1 Balança de casa de banho
- 8.º — 1 Biblioteca da Ed. Caminho no valor de 1000\$00
- 9.º — 1 Biblioteca da Ed. Avante no valor de 1000\$00
- 10.º — 1 Biblioteca da Ed. Caminho no valor de 1000\$00
- 11.º — 1 Biblioteca da Ed. Avante no valor de 1000\$00
- 12.º — Assinatura da Revista Mulheres
- 13.º — Assinatura da Rev.º O Professor
- 14.º — Assinatura da Rev.º Poder Local
- 15.º — Assinatura da Revista Prisma
- 16.º — Assinatura da Revista Internacional
- 17.º — Assinatura da Revista Economia
- 18.º — Livros CDL no valor de 500\$00
- 19.º — " " " " " 500\$00
- 20.º — " " " " " 500\$00
- 21.º — " " " " " 500\$00
- 22.º — " " " " " 500\$00
- 23.º — " " " " " 500\$00
- 24.º — " " " " " 500\$00
- 25.º — " " " " " 500\$00

A presença da Organização Regional do Porto

A Organização Regional do Porto (ORP) do PCP vai «descer» até Lisboa no primeiro fim-de-semana de Setembro. A concretização das tarefas relacionadas com a composição de stands e pavilhões merece, entretanto, especial atenção dos camaradas. O «Avante!» foi investigar.

Perguntámos ao camarada Emídio, responsável desta tarefa, o que se pode ver na área implantada da ORP?

«A ORP tem uma área construída de cerca de 700 metros quadrados. Uma grande parte dessa área será ocupada pelo pavilhão político, comum a todo o norte, onde estará a exposição dedicada ao 60.º aniversário, com cerca de 160 painéis, que reproduzem, entre muitos outros aspectos, a formação do Partido, a resistência ao fascismo, a vida e a organização do Partido na clandestinidade, a resistência à ditadura nos anos 30, a reorganização com Bento Gonçalves, a luta operária e democrática no período de Grande Guerra o MUD, as lutas de massas nas campanhas presidenciais de Norton de Matos, Humberto Delgado e Ruy Luis Gomes, o ascenso do movimento operário nos anos 60, a guerra colonial e a luta intensa nos últimos anos do fascismo.

«Uma parte importante é dedicada ao 25 de Abril, às conquistas da Revolução, depois a luta contra os governos de direita e a defesa do regime democrático. Os últimos 30 painéis são dedicados à luta deste último ano e em especial à luta contra o Governo AD/Balsemão. Uma parte é ainda dedicada ao 60.º aniversário e à campanha de reforço do Partido».

No plano político temos ainda o diaporama que é, digamos, o conteúdo da exposição em imagem e som.

No plano cultural e artístico, que presenças na área da DORP?

«Temos um painel com 27 metros concebido por artistas da cidade. Teremos ainda no pavilhão mais dois painéis. Artistas portugueses animarão espectáculos no nosso palco».

Uma parte da área é para o pavilhão político, e o resto?

«O resto será ocupado com sete bares-restaurantes, onde se servirão as tradicionais tripas à moda do Porto, churrasco e outras especialidades da zona. Temos tido em conta experiências de anos anteriores para que seja possível servir com rapidez. Depois, teremos 8 stands de vendas, com artesanato, os bilros, as camisolas da Póvoa e outros produtos característicos do trabalho e artesanato da região».

No plano da organização que esforços são necessários ainda fazer?

«É complicado organizar a nossa participação na Festa. Estamos a 300 quilómetros da Ajuda e isso implica a preparação e planificação com grande antecedência de todas as tarefas. De qualquer forma, temos uma boa equipa de montagem em Lisboa, de camaradas com muita dedicação que têm dado resposta às dificuldades.

Aqui no Porto há camaradas que cortam a esferovite, que reproduzem fotografias, preparam documentos para a exposição, materiais de cozinha, etc.

Agora, a tarefa essencial é garantir o funcionamento de equipas para os stands e bares durante a Festa. Precisamos para isso de 600 camaradas. É importante que cada camarada que vai à Festa se inscreva na sua organização para fazer parte de uma equipa.

Gostava ainda de me referir à campanha de ofertas, que é uma forma de envolvimento da organização na Festa e de evitar encargos ainda maiores do que os que suportámos com transportes, etc. É uma grande ajuda!

No Porto está tudo a postos para a Festa!

Adenda ao Regulamento

Nos jogos das meias-finais e da final de futebol de salão «Avante!» 81, no caso de se registar igualdade, haverá prolongamento de 10 minutos, sem intervalo, com mudança de baliza aos 5 minutos.

Se mesmo após o prolongamento o empate persistir, proceder-se-á à marcação alternada de grandes penalidades (5 para cada equipa).

Em caso de necessidade repetir-se-ão as séries de remates até à definição do vencedor. Portanto, nunca haverá moeda ao ar.

tor-nhados da Conchava» (Beira Litoral) e da zona sul a mação de Sesimbra.
Os jogos a realizar no Alto da Ajuda decorrerão de ordo com o seguinte esquema, segundo o sorteio efecido na passada segunda-feira:

● 1.ª meia-final/dia 5/18.00 horas/jogo «A»: Abril ncerá — FIAC; ● 2.ª meia-final/dia 5/19.00 horas/jogo »: vencedor do jogo de apuramento entre as equipas representantes de Lisboa («Fórmula 8») e da Região Auoma dos Açores contra a equipa de Sesimbra; ● Final/ 6/16.00 horas: vencedor do jogo «A» contra vence-do jogo «B».

As equipas devem comparecer no recinto 30 minutos tes do início dos jogos.



é tar-pectáculo grandioso. Na Festa a ca- os números como este. Esses os ce- trabalho será apreciado por e da Hungria virão ginastas de tmo-Portuga. Na Festa do «Avante!» te e o principal

O torneio do Jogo da Ronda, de Setúbal, tem a sua final marcada para o mesmo dia. Espera-se a jornada com grande expectativa no meio piscatório. Desta final irá a equipa que defrontará o concelho do Seixal na Festa do «Avante!».



Os artistas da Festa do «Avante!»

6.º



Carlos do Carmo



Martinho da Assunção



Dexy's Midnight Runners

Não somos um «supergrupo», não fazemos espectáculos «perfeitos», nem produzimos «álbuns», dizem de si próprios os «Dexy's Midnight Runners».

Este grupo inglês, considerado uma das grandes revelações da música europeia de 1980, actuou já este ano em Portugal no que foi saudado pela crítica como o «concerto do ano».

De facto, praticando uma música de grande riqueza sonora e rítmica, os «Dexy's» emitem uma energia contagiante a que se alia a grande emotividade da voz de Kevin Rowland, o líder do grupo.

«Queremos que os nossos espectáculos ao vivo sejam o extremo oposto da celebração da palmadinha nas costas do usual concerto de 'rock'. Nós somos 'entertainers', o que não quer dizer que tenhamos que fazer parvoíces para conseguir aplausos. A comunicação é a nossa preocupação cons-

tante, queremos atingir toda a gente na sala. Queremos aquecer os espectadores, depois arrefecê-los, depois voltar a aquecê-los. Adoraríamos levá-los até às lágrimas».

Acompanham Kevin, neste grupo onde não existe a exibição individual, Seb Selton na bateria, Steve Wynne na guitarra baixo, «Big Jimmy» Paterson no trombone, Micky Billingham no piano e órgão, Paul Speare no saxofone tenor, Billy Adams na guitarra e Brian Maurice no saxofone alto.

Inconformistas, rebeldes e sonhadores, cantam nas suas canções a dor da pureza perdida. O seu apoio expresso à luta dos patriotas na Irlanda do Norte mostra porém que o sonho dos «Dexy's» tem raízes neste mundo.

Para os «Dexy's» a coerência com a «soul» essa rica palavra que traduz a alma da grande música negra é a alma da sua música.

MÚSICA PARA FILMES



ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA

António Victorino d'Almeida

Teresa Paula Brito



**Mário Pereira
Luisa Basto
Henriqueta Maya
João Fernando**

Os artistas da Festa do «Avante!»

7.º



Os Tubarões

Na rádio e na imprensa fala-se deles e da sua música. Uma música que reflecte diversas influências e também outras tradições musicais, especialmente da música negra de África, dos Estados Unidos e das Antilhas. São de Cabo Verde, chamam-se «Os Tubarões» e também eles estarão presentes na Festa do «Avante!».

Formado em 1969, este grupo cabo-verdiano é possivelmente o mais conhecido no estrangeiro, tendo actuado já em diversos países como Estados Unidos, Angola, S. Tomé e Príncipe, Cuba, Luxemburgo, Holanda, Guiné e República da Guiné.

Entre 1977 e 1980 editaram quatro álbuns: «Pepe Lopi», «Tchon di Morgado», «Joãozinho Cabral» e «Tabanca», estando prevista para breve, em Lisboa, a saída de uma «Antologia de Coladeiras», já anteriormente editadas.

Como novidade para a Festa, «Os Tubarões» pensam trazer duas novas

canções que resultam do seu recente trabalho de investigação e composição sobre a música tradicional de Cabo Verde. Assim serão estreados os números «Tema Para Dois», assente no género musical do «Cola S. Jon», da ilha de S. Vicente, e «Cruz di Pico», uma coladeira da Ilha de S. Tiago, esta com influência do género musical «Funanah».

Utilizando com mestria os sopros, o grupo acabou por criar uma sonoridade característica, que lhe é própria.

A divulgação da sua música na rádio, com destaque para a faixa «Tabanca», tem despertado um vivo interesse quer nos meios musicais profissionais, quer no público em geral.

«Os Tubarões» são normalmente constituídos por Ildo Lobo (vocalista), Zeca Couto (teclados), Totó Santos (viola solo), Duia (bateria), Jaime (sax tenor), Zé Rui (sax alto), Russo (viola baixo) e Jorge (percussão).



Pedro Barroso



Esmeralda Amoedo



Nuno Gomes dos Santos



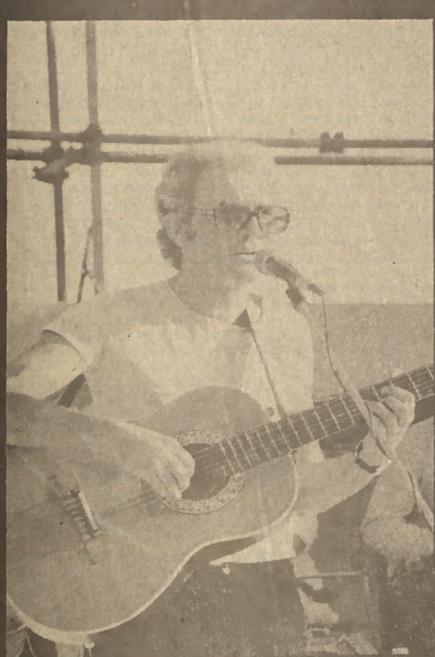
Impulse

Falar dos «Impulse», agrupamento que nos chegará da República Democrática Alemã para actuar na Festa do «Avante!», é falar de alegria e juventude. A alegria como forma de estar em grupo, no palco e na vida. Alegria transmitida através das palavras e da música. E também juventude comprometida com os problemas do seu tempo, empenhada no processo político do seu país e na construção da amizade com todos os povos, defen-

sora de valores e ideais de justiça e progresso.

Formado há quatro anos, o grupo é constituído por estudantes da Universidade Martinho Lutero, de Halle.

Com a sua presença virá, afinal, a mensagem de paz e fraternidade, a solidariedade de quantos, libertados da exploração, constróem uma sociedade nova. Embora jovens eles são, já hoje, o Homem novo.



Alfredo Vieira de Sousa



Grupo Arte Nova

PCP

No Funchal A Festa da Unidade iniciativa de massas do PCP

Nos dias 23 e 24 últimos a DORAM (Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira) realizou no Funchal uma interessante iniciativa de massas que obteve um êxito assinalável.

Confraternização, canto-livre, diversões para as crianças, esclarecimento político, tiveram por cenário o magnífico jardim municipal do Funchal e uma presença superior a mil pessoas o que tendo em conta a época de férias — é, em si, uma participação apreciável.

Para as crianças, pintura ao ar livre, palhaços, ilusionistas (claro, também os adultos se divertiram); para os apreciadores da canção do Apolônio, o Trio Funchalense e Chico; na parte de esclarecimento político intervieram os camaradas Aníbal, da DORAM, e Dias Lourenço, da Comissão Política do PCP.

convite para que venham até ao Alto da Ajuda, uma deslocação fora das possibilidades da maioria dos trabalhadores madeirenses, mas que está a encontrar o acolhimento de muitos que virão até ao continente, à Festa mais popular de Portugal, onde haverá um ótimo stand da organização comunista da Madeira.

Falou depois Dias Lourenço que referiu logo de início ter chegado à Madeira desta vez ainda num avião português, uma utilização que pode não mais o ser para os portugueses da Madeira e do Continente se os projectos da AD de desmembramento da TAP e da criação da Air «Banana», de capital sueco, for por diante.

Referiu também as declarações do Presidente da Câmara do Funchal publicadas naquele dia na imprensa local de exaltação do carácter democrático dos órgãos de poder local.

Dias Lourenço manifestou a sua concordância com as afirmações do Presidente da CM, salientando que a autonomia regional da Madeira e dos Açores só tinha sido possível com o 25

de Abril, era uma conquista democrática de Abril. Manifestou ao mesmo tempo estranheza pelo facto de o Presidente camarário o ser como cabeça de lista do principal partido da «AD» — o PSD — sob cuja direcção foram assestadas as maiores machadadas contra a autonomia do poder local, contra a descentralização de poderes expressa na Constituição, contra o desafogo financeiro das autarquias locais a quem o governo da «AD» tinha subtraído, em 1981, 36 milhões de contos, e que abusivamente tem interferido na autonomia administrativa dos municípios.

Abordou em seguida a situação política actual e a solução da crise do Governo, salientando que a remodelação governativa de novo sob a direcção de Balsemão, mas de facto transferida para Freitas do Amaral e o CDS, não resolveria nem a grave problemática nacional criada pela falência política da «AD» nem a crise interna da própria AD.

A questão da alternativa democrática como resposta às

tentativas de pôr de pé um chamado «bloco central» assente na aliança PS/PSD, que está nos projectos do dr. Mário Soares — que não a refuta, mas apenas a considera prematura — mereceu ao orador considerações mais largas.

Não há alternativa democrática viável ao Governo e à política da AD de qualquer força ou partido democrático isolado — nem do PCP ou da APU, nem do PS ou da FRS.

Uma alternativa viável só pode triunfar se partir da convergência, do diálogo e do entendimento entre os partidos e organizações democráticas, designadamente do PS e do PCP.

Os comunistas estão sempre abertos a esse necessário diálogo e nisso baseiam as suas propostas imediatas para se encontrar, antes que seja tarde, uma saída democrática para a crise actual.

A Festa da Unidade, do Funchal, terminou no meio do entusiasmo dos assistentes — que ficaram à espera da iniciativa da DORAM, para melhor, no ano próximo.

Como vai a campanha de fundos no distrito de Santarém

Continuamos em pleno período de férias, tempo normalmente aproveitado para repousar e recuperar as energias tão necessárias para enfrentar um novo ano de trabalho. Agosto é, assim, para muitos militantes comunistas, o mês escolhido para esse merecido descanso.

Uma coisa há, no entanto, que não mete férias, nem

pode reduzir a sua actividade por falta de meios financeiros: o Partido, a sua luta e actividade em defesa dos interesses dos trabalhadores, das liberdades e da democracia.

Assim o entenderam também os camaradas do distrito de Santarém e daí a campanha de fundos lançada pela sua Direcção da Organização Regional.

Uma campanha que, como refere um documento recentemente distribuído «apesar dos êxitos já obtidos», continua em marcha até atingir os objectivos propostos.

Orientada inicialmente em várias direcções (criação de estruturas a todos os níveis para o trabalho de fundos, receber quotizações atrasadas, promover iniciativas e abordagens, recolher listas de fundos), a campanha sofreria um novo impulso quando as células e organizações de freguesia e de concelho, servindo-se da sua imaginação e criatividade, encontraram formas novas e próprias de participar nesta tarefa.

Dando-nos conta desse trabalho, vejamos então mais pormenorizadamente, o que nos dizem os camaradas de Santarém através do seu comunicado.

● Quotização

Embora se verifiquem melhorias sensíveis, nalguns concelhos, existem ainda, de uma forma geral, alguns atrasos que, nos casos do Cartaxo e Almeirim foram recuperados através da criação de brigadas especiais para recolha da quotização. Este exemplo é assinalado como uma boa experiência a ser seguida por outros concelhos.

● Abordagens

As abordagens já realizadas obtiveram bons resultados mas, segundo os camaradas, «outras tantas estão por fazer». Assim, os conceitos de Coruche, Santarém e Almeirim são os «que mais trabalharam para esta iniciativa e que prometem não parar».

● Iniciativas

No campo das iniciativas houve um «bom trabalho organizado e participado» que permitiu boas receitas. Realizaram-se festas no Couço, em Samora Correia, na Carregueira e Vale de Cavalos e almoços-convívio, como por exemplo, em S. Vicente Paul, para além das participações da DORSA na Festa da Alegria em Braga e nas Festas Serranas no Tortosendo.

Entretanto, numa demonstração significativa do espírito que anima as organizações e militantes do distrito de Santarém e que desde já constitui a garantia do êxito final da campanha de fundos, a assembleia da organização de freguesia do Couço aprovou recentemente no âmbito do 60.º Aniversário uma proposta no sentido de todos os militantes contribuírem com meio-dia de salário para o Partido.

Sorteio das Festas Serranas

Podem levantar-se até ao próximo dia 15 de Setembro, no Centro de Trabalho do PCP de Tortosendo, os objectos relativos ao 1.º e 3.º prémios do sorteio realizado no âmbito das Festas Serranas, iniciativa promovida recentemente, com êxito, naquele ponto do país.

Os referidos prémios devem ser levantados pelos portadores dos ingressos com os números 439 e 430, respectivamente 1.º e 3.º.

“Lado a Lado Camaradas” — espectáculo de êxito de camaradas de Gaia

«Lado a Lado Camaradas»: poesia, teatro, diaporama, canção, cinema e muita dedicação de um conjunto de mais de 20 camaradas de Vila Nova de Gaia, para contar a História e a luta do nosso Partido e do nosso Povo. «Lado a Lado Camaradas», foi pela primeira vez representado em 7 de Agosto na Tuna Musical de Santa Marinha!

Mais de 200 pessoas viram, ouviram, conheceram muitos aspectos da vida do nosso Partido, contados, numa forma viva, expressiva, num espectáculo rico política e tecnicamente. Como surgiu, como foi possível erguer este espectáculo, o que é exactamente o «Lado a Lado Camaradas», que perspectivas para ele?

Disto falou ao «Avante!» Carlos Soares, camarada responsável na Comissão Concelhia de Vila Nova de Gaia pela organização do espectáculo.

Gaia tem um grande potencial de colectividades ligadas à cultura e em especial ao teatro amador, por isso achámos que tínhamos condições para fazer algo que aproveitando este potencial, lembrasse às pessoas as principais lutas encabeçadas pelo Partido mas de uma forma actual, viva. O teatro é a melhor forma de o fazer. E fizemos.

Reuniram-se os militantes que trabalham nas colectividades, discutiu-se a ideia, viu-se que era possível fazer uma coisa digna, e que sem dúvida, um espectáculo deste tipo, era a melhor forma de chegar às pessoas. Avançámos.

«Avante!» — E toda a preparação do espectáculo, o guião, o conteúdo político, os aspectos técnicos, como foi tudo isso? Carlos Soares — Olha, o espectáculo levou 4 meses a preparar, trabalhamos cerca de 20 camaradas. Todos nós empenhadíssimos, com uma dedicação imensa, queríamos cumprir o melhor possível a nossa tarefa.

O texto foi feito na base de documentos do Partido. Nada do que é dito é inventado, ou tem floreios, nisso tivemos imensa preocupação. Por exemplo, a determinada altura, há uma cena que representa o camarada Gervásio no Tribunal Plenário, e o depoimento é mesmo o que o camarada fez.

O texto começa por situar-nos em 1917, fala da influência da Revolução de Outubro e vai até Abril de 1974. Aparecem as organizações anarco-sindicalistas, o nascimento do Partido, Bento Gonçalves e o Partido de novo tipo.

A partir de 28 de Maio, o Partido na clandestinidade, destacamos especialmente aspectos da repressão fascista.

Neste espectáculo, a repressão atinge uma carga dramática muito forte. O assassinato de Catarina Eufémia, Dias Coelho, o comportamento heróico dos comunistas na prisão.

Esteve muita gente a ver que não tinha a noção exacta de que as coisas se passavam daquela forma. Penso que foi bom, pusemos muita gente mais perto de nós.

«Avante!» — Carlos, e agora «Lado a Lado Camaradas» não vai parar, pois não?

Carlos Soares — Não, não vai. A ideia é pôr o espectáculo à disposição do Partido. Nós estamos dispostos a continuar a mostrar a vida e a luta do Partido e do nosso Povo, basta que nos arranjem um palco e uma camioneta para transportar os materiais e que nos contactem através da Comissão Concelhia de Vila Nova de Gaia (Av. da República, 664 — Gaia). Outra coisa, é que nós vamos aumentar o espectáculo, com cerca de 20 a 30 minutos do pós 25 de Abril.

«Lado a Lado Camaradas» — Pensamos que de facto, sem isso, estava incompleto. O Partido continuou e continua a ter um papel de vanguarda na luta da classe operária e das massas.

Não queria terminar sem destacar uma coisa: nós tivemos uma colaboração preciosa, de amigos, não militantes do Partido, técnicos de som e carpintaria de teatro, cuja dedicação foi a mesma que a dos militantes mais dedicados. Um bom exemplo de criatividade, trabalho e dedicação no «Lado a Lado Camaradas».

Américo Leal em Sines num comício unitário

Realizou-se no passado dia 19 em Sines um comício promovido pelo PCP, MDP/CDE, MDM e União Sindical, virado essencialmente para a análise da situação política que o país atravessa e as graves questões que se colocam ao nosso Povo neste período de crise económica e social provocada (e acelerada) pela prática política dos governos «AD», agravando mais e mais as condições de vida do nosso Povo.

Após as intervenções de Eugénia, pelo MDM, e Agostinho, pela União dos Sindicatos, usou da palavra o camarada Américo Leal, membro da DORS e do CC do PCP, que depois de denunciar os imensos atropelos à legalidade democrática, a demagogia, a subserviência ao imperialismo e a gravosa política conduzida pelo Governo «AD», consideraria que «o resultado eleitoral de

7 de Dezembro foi uma flagrante derrota da «AD»; porque a política do Governo «AD» foi ruínoza, repressiva, ilegal e inconstitucional; porque as forças produtivas da cidade e do campo rejeitam a política da «AD» e exigem um governo democrático; porque várias forças políticas e patriotas de vários quadrantes políticos se pronunciam condenando a política do Governo «AD»; porque um novo governo «AD» significaria o seguimento da mesma política já conhecida e nefasta (...), a «AD» deve ser afastada da área do poder, dando lugar à única alternativa viável e aceitável que é a formação de um governo democrático».

«Esta solução — acrescentaria — que no sentir dos trabalhadores se apresenta necessária, coloca, dentro do quadro constitucional a realização de novas eleições legislativas, precedida da dis-

solução da A. R. e da formação de um governo de gestão que garanta a seriedade da consulta eleitoral».

A finalizar e abordando a questão da necessária unidade entre todos os democratas para enfrentar a presente crise e afastar definitivamente a direita da área do poder, o camarada Américo Leal recordaria que o PCP e todas as suas organizações «estão aptos a tomar a iniciativa (ou aceitar, se for o caso da iniciativa pertencer a outras forças políticas) de entrar em conversações com outras forças políticas e em particular com o Partido Socialista, sem ideias pré-concebidas, sem a intenção de retirar nada aos princípios que norteiam esses partidos, mas unicamente com o objectivo de, como dever patriótico, procurar encontrar uma base de entendimento à volta de acções comuns ou simplesmente de

posições convergentes que interessam à defesa da democracia, aos interesses dos trabalhadores, das populações locais, à defesa do que a todos pertence e é dever de todos os democratas e patriotas defender — as conquistas da Revolução de Abril.

«O que nos une — acrescentaria — deve ser bem mais forte do que o que nos divide. Fazemos desta divisa



Festa-convívio em Fafe

A Comissão Concelhia de Fafe do PCP realiza no próximo domingo, dia 30, uma festa-convívio no jardim do Calvário, a partir das 14 horas.

Do programa salientam-se: a intervenção do camarada Carlos Costa, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do PCP; canções, música diversa e baile; actuação de Samuel; artesanato, feira do livro e serviço de bar.

A entrada é livre.

JCP desmente

Em comunicado distribuído à imprensa o organismo de Direcção da Organização Regional do Porto da Juventude Comunista Portuguesa (JCP) desmente qualquer envolvimento da sua organização, bem como dos seus militantes, nos incidentes recentemente ocorridos junto à praia da Madalena, em que ficaram feridos dois indivíduos.

A JCP denuncia por outro lado a actuação de uma força da GNR que, acompanhada de três civis, forçou a entrada no seu acampamento a decorrer junto àquela praia, a pretexto de confirmar a presença de jovens possivelmente envolvidos na referência contenda. Actuando sem mandato de captura nem acusação concreta, a força entrou no acampamento perante a indignação dos campistas acabando por identificar um jovem que os próprios civis reconheceram ter visto, sim, mas a tentar apaziguar os ânimos.

Os jovens comunistas desmentem assim uma notícia publicada no «Jornal de Notícias» que pretendia atribuir a responsabilidade dos incidentes a camaradas ligados à organização do acampamento. Protestando contra tal informação que considera injuriosa, a JCP conclui que ela visa claramente «prejudicar a imagem dos comunistas e lançar achas para a fogueira do anticomunismo».

Alegre jornada em Manta Rota

Por iniciativa de um grupo de camaradas de Cacela (Vila Real de Santo António), realizou-se no passado dia 15, na Esplanada do Casino de Manta Rota, um almoço-convívio aberto aos simpatizantes do PCP e da APU que aqui se encontram a passar férias.

A iniciativa foi um êxito. No recinto, engalanado com faixas da APU, reuniram-se cerca de setenta pessoas,

que durante todo o dia conviveram em alegre e saudável confraternização, plena de determinação e firmeza em defesa do 25 de Abril e da democracia portuguesa.

Entre os presentes, e para além de vários emigrantes em férias no nosso país, encontravam-se turistas franceses e belgas, membros dos respectivos partidos comunistas, que, com as suas famílias, deram um cunho

muito especial a esta jornada. Presente também Vasco Cabral, ministro da Guiné-Bissau.

O camarada Alfredo Graça, presidente da Câmara de Vila Real de Santo António, deslocou-se também, durante parte da tarde, ao local do convívio.

Na oportunidade, foi feita uma recolha de fundos para o novo Centro de Trabalho de Vila Real.

60.º Aniversário do PC da Bélgica

O Comité Central do PCP, por ocasião do 60.º Aniversário do PC da Bélgica, enviou ao CC do PCB fraternais e calorosas saudações, numa mensagem em que se afirma:

«Os 60 anos de luta do PCB são indissociáveis da luta mais geral da classe operária e do povo trabalhador belga contra a exploração capitalista e, particularmente, pela liberdade e a democracia, contra a ocupa-

ção nazi-fascista durante a 2.ª guerra mundial. Os comunistas portugueses associam-se solidariamente à celebração do 60.º Aniversário do vosso Partido e desejam os maiores sucessos na sua acção futura ao serviço dos trabalhadores e do povo da Bélgica.»

«Ao longo da sua história o PCB coloca-se sempre numa posição de vanguarda na defesa dos interesses das massas trabalhadoras e

do povo belga pela defesa e aprofundamento da democracia, da independência nacional, pelo socialismo, pela paz.»

«Os comunistas portugueses acompanham com interesse a actual luta do PCB e da classe operária contra a política de ofensiva do grande capital que, através de sucessivos governos de direita, tem vindo a degradar profundamente as con-

dições de vida dos trabalhadores. O PCP reafirma a sua solidariedade combativa para com a luta dos comunistas belgas na defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores, pela unidade do movimento sindical e de todas as forças democráticas, pelo progresso social e sublinha e importante papel que desempenha o PCB na luta contra a instalação de novas armas nucleares no vosso país e no conti-

nente europeu, contra a corrida aos armamentos, pela paz.»

Diz ainda a mensagem: «No desejo de reforçar os laços de amizade e solidariedade existentes entre os nossos dois partidos, na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, o PCP renova uma vez mais os seus votos sinceros de êxito na vossa luta pelas reivindicações políticas, económicas e sociais da classe operária e das massas trabalhadoras do vosso país, pela defesa da paz, pelo desanuviamento na Europa e no mundo, pelo socialismo.»

O militante

No número 74, de Agosto, destacamos:

- O PCP e a revisão constitucional
- Os fracassos da política de integração de Portugal na CEE
- Alguns artigos sobre a campanha organizativa

Dias Lourenço na Charneca

O camarada Dias Lourenço estará presente amanhã à noite no Pavilhão do PCP instalado na Festa de S. Bartolomeu, na Charneca, proferindo uma intervenção política.

A iniciativa pertence à organização da 6.ª Zona de Lisboa. Dias Lourenço usará da palavra às 22 horas.

Festa da Fraternidade no lugar de Romariz

Decorreu no passado fim-de-semana a Festa da Fraternidade no lugar de Romariz-Meinedo, em Lousada. Festa muito animada em ambos os dias, teve a participação do conjunto «Watts, José Luís Guimarães, Sérgio Mendes, conjunto «Primeiro de Maio». Com a música, cantou-se, bailou-se e confraternizou-se. O imitador Couto e o Rancho Folclórico de Sanfins de Ferreira foram também grandes animadores.

Pelas 17 horas de domingo, o camarada Edgar Correia, do CC do PCP fez uma intervenção sobre a actual situação, explicando a posição do Partido face à actual crise política na «AD».

SEMANA Internacional

19 Quarta-feira

Oito aviões «F-14» norte-americanos, vindos do porta-aviões «Nimitz» presentemente em «manobras» no Golfo de Sidra, (Mediterrâneo) frente à Líbia, abatem dois aviões libios em missão de reconhecimento e de rotina dentro do seu espaço aéreo e marítimo, os norte-americanos, que reuniram à pressa os seus aliados na NATO após o grave incidente, invocam «ter sido atacados» primeiro; estas manobras militares dos EUA frente à Líbia haviam sido previamente anunciadas como «teste à reacção do governo libio».

Os chefes de paz e cooperação no sentido dum poderoso aliança contra a política ocidental de conspiração e agressão no Oceano Índico e Golfo Pérsico. ■ Três nacionalistas do Congresso Nacional Africano são condenados à morte por um tribunal racista sul-africano por envolvimento em operações armadas contra refinarias de petróleo e uma esquadra da polícia na África do Sul e com base em confissões extorquidas sob tortura; a polícia racista prendeu sete negros incorporados numa manifestação frente ao tribunal, exigindo que os três nacionalistas não fossem condenados à morte.

20 Quinta-feira

A Líbia considera um acto de terrorismo internacional o derrube de dois aviões seus pelos EUA em águas territoriais libias, enquanto surgem protestos de indignação contra a agressão norte-americana e de solidariedade para com a Líbia, nomeadamente de países árabes do Médio Oriente. ■ Morre Michael Devine, de 27 anos, o 10.º patriota irlandês a morrer na sequência de greve da fome na prisão de Maze, na Irlanda do Norte, enquanto o governo conservador de Margaret Thatcher mantém a sua intransigência em negar o estatuto de presos políticos aos grevistas e restantes patriotas irlandeses presos. ■ A França anuncia que concederá asilo político aos raptores da vedeta iraniana Tabarzin, ignorando os «avisos» e o pedido formal de extradição feito pelo governo iraniano. ■ A rainha Beatriz da Holanda inicia novas consultas com os «dirigentes dos partidos, após 12 semanas de negociações falhadas para a formação de um governo de coligação de centro-esquerda. ■ Segundo uma declaração do PC do Paraguai chegada a Buenos Aires, António Maidana, primeiro-secretário do PC do Paraguai, está vivo mas em perigo, após ter sofrido odiosas torturas.

21 Sexta-feira

Terminam em Genebra cinco dias de conversações da OPEP sem um acordo quanto a um novo preço unificado de ramos, decidindo os 13 membros manter simplesmente em vigor a estrutura de preços fixada em Dezembro último. ■ Segundo a rádio clandestina da guerrilha salvadoreña, «Venceremos», aviões da Junta fascista bombardearam violentamente as localidades de Palo Grande, Caballito e Platanar (perto da cidade de Suchitoto), lançando bombas de fosfóro de fabrico americano. ■ É eleito para o parlamento britânico pelo círculo de Fermanagh o republicano irlandês Owen Carron, substituindo Bobby Sands, o primeiro patriota irlandês a morrer na greve da fome pela obtenção do estatuto de preso político; Carron, professor no desemprego, obteve ainda um maior número de votos que Sands. ■ A polícia brasileira revela que manifestantes, protestando contra o aumento de 60% nos transportes, «amotinaram-se» na cidade de Salvador, no Nordeste do Brasil, danificando cem autocarros.

22 Sábado

Morre Glauber Rocha, um dos maiores realizadores cinematográficos do Brasil, poucas horas depois de chegar ao seu país, vindo de Portugal, gravemente doente com uma broncopneumonia. ■ A agência soviética TASS afirma que a bomba de neutrões, ao contrário do que propaganda do imperialismo chamando-lhe «arma defensiva», é uma arma adequada para guerras de agressão e o seu reduzido tamanho dificulta consideravelmente as medidas de segurança e o controlo do seu uso. ■ Na ONU o grupo de 21 países árabes manifesta total solidariedade com a Líbia e acusa os EUA de agressão, ao abater esta semana dois aviões libios nas suas águas territoriais.

23 Domingo

Um comunicado do Ministério da Defesa da RP de Angola denuncia que o regime racista sul-africano está a concentrar tropas, mercenários e bandos de contra-revolucionários visando atacar a cidade de Ondjiva, capital da província angolana do Cunene, acrescentando que aquelas operações tiveram início há três dias e o seu objectivo é um ataque em grande escala contra aquela cidade angolana. ■ Num apelo divulgado em Bonna, as mulheres social-democratas da RFA (do partido no poder) exigem ao Governo que explique de um modo inequívoco aos norte-americanos que a RFA não tolerará a bomba de neutrões no seu território; no mesmo sentido se manifestou a juventude social-democrata do partido governamental, promovendo uma manifestação pacífica nas ruas de Frankfurt.

24 Segunda-feira

O vice-ministro polaco do Interior, Wladyslaw Pozoga, afirma que os países da NATO, especialmente os EUA, têm inundado o país de espões cujo objectivo é minar o Partido Comunista e dividir a sociedade. ■ O presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, é designado para representar o grupo dos Estados Africanos mais desfavorecidos na conferência de Paris, da ONU, sobre os países menos avançados. ■ O deputado católico Owen Carron, eleito na Irlanda do Norte em substituição de Bobby Sands, anuncia que vai pedir uma entrevista à chefe do governo britânico, Margaret Thatcher, para debater a situação dos presos políticos irlandeses em greve da fome na prisão de Maze.

25 Terça-feira

Duas colunas militares sul-africanas, que ontem invadiram o sul de Angola, estão a ser combatidas pelas FAPLA nas áreas de Xangongo e Catequero; em mensagem dirigida a Kurt Waldheim, secretário-geral da ONU, o Presidente da RP de Angola, José Eduardo dos Santos adverte que esta invasão do território angolano pelo Exército racista poderá provocar uma guerra de consequências imprevisíveis na África Austral. ■ Rádio Teerão anuncia que forças de segurança iranianas delimitaram centenas de activistas anti-governamentais, na continuação de «acções contra os seus esconderijos».

Feméride da semana — A 19 de Agosto de 1954 o senador McCarthy faz aprovar a lei anticomunista nos EUA, ao abrigo da qual se inicia um período de terror e perseguição a intelectuais, cineastas, artistas, etc., que ficaria tristemente célebre como «a caça às bruxas do MacCarthyismo».

Internacional

Os novos “tritões” EUA provocam a Líbia

Pouco mais de uma semana após a administração Reagan ter anunciado a produção da bomba de neutrões e escassas horas depois da entrega a Israel de mais uma remessa de ultra-sofisticados aviões de combate norte-americanos «F-16», os EUA abatem duas aeronaves libias em voo de reconhecimento e de rotina nas suas águas territoriais. São os EUA, «deuses do mar» ou piratas de novo tipo?

O grave acontecimento foi de imediato divulgado pelos EUA, que se apressaram igualmente a convocar os seus parceiros na NATO para uma reunião especial, onde lhes apresentariam a sua versão do que chamaram «incidente não provocado».

Ambos os lados — EUA e Líbia — apresentaram versões diferentes do ocorrido: enquanto os primeiros garantem ter sido «atacados» pelos dois «SU-22» libios em águas internacionais, posto o que ripostaram, abatendo os «agressores», a Líbia afirma que os seus dois aparelhos, em voo de reconhecimento na suas águas territoriais, foram interceptados e abatidos por oito «F-14» que haviam descolado do porta-aviões «Nimitz», tendo os dois caças libios abatido também um dos agressores, facto que os EUA naturalmente negam, empenhados que estão em mostrar a sua «invencibilidade».

É uma falsa questão procurar saber quem primeiro disparou, tal como se torna irrelevante averiguar quantos aviões participaram no combate. Importante, sim, é referir que estas manobras militares da 6.ª Esquadra dos EUA se desenrolaram a 150 milhas marítimas do território libio, quando este país há muito definira internacionalmente (como de resto outros países) o limite das 200 milhas para as águas territoriais. Importante é saber que o referido combate se desenrolou a 50 milhas da costa libia e que as manobras

ianques decorreram no golfo de Sydra, reentrância mediterrânica no continente africano totalmente abrangida pelo limite das 200 milhas definidas pela Líbia.

Fundamental é saber que estas manobras norte-americanas foram despuadoramente anunciadas pela administração Reagan como teste à capacidade de resposta libia.

Perante estes factos, não é difícil descobrir o agressor. O argumento dos EUA de que foi atacado em águas internacionais é em si mesmo uma prepotência, pois permite-se «não reconhecer», pura e simplesmente, o direito internacional de um país definir o seu espaço aéreo e marítimo dentro das normas vigentes em todo o mundo. Para os EUA só existem as tradicionais três milhas...

“Quo vadis”, EUA?

Há muito que a firme posição anti-imperialista do regime libio causa engulhos às administrações norte-americanas. Já Carter expulsara na Primavera de 1980 quatro diplomatas libios, enquanto prosseguia e prossegue uma velha campanha de descrédito sobre a Revolução libia e o seu líder, Muammar El Gaddafi. Agora Ronald Reagan resolve apelidar de «terroristas» todos os que lutam pela emancipação dos seus povos ou os que apoiam essas lutas — pelo que Gaddafi surge na nova linguagem da Casa Branca como um simples

«terrorista», para quem os EUA não devem ter contempções. Daí que em Maio deste ano, e apoiado neste argumento (bem típico do que de mais reaccionário e fascizante existe) o Governo de Reagan haja encerrado a embaixada libia nos EUA e expulso todos os diplomatas, enquanto exercia fortes pressões sobre as multinacionais do petróleo norte-americanas que operam na Líbia para que abandonassem esse país.

Entretanto a própria imprensa norte-americana já se fez eco de planos da CIA para assassinar Gadhafi, o que se articula com as manobras conjuntas EUA-Israel-Egipto para desestabilizar a situação libia, falando-se mesmo num ataque simultâneo a este país com a Força Aérea israelita e o Exército de terra egípcio.

A definição por parte dos EUA de «zona de defesa imediata» ou de «interesse vital para os EUA» tem-lhe servido para as mais variadas provocações e ingerências em diferentes pontos do globo. A sua política de canhoneira avivou-se substancialmente com a nova administração Reagan, a qual avança num perigoso caminho armamentista, balizado pelo chauvinismo e o anti-sovietismo mais primários.

A recente decisão de produzir a bomba de neutrões surgiu, por parte dos norte-americanos, num quadro militar bem mais vasto que a velha Europa... Há quem sonhe em Washington e no Pentágono utilizar a temível arma em teatros operacionais como a América Latina ou o Médio Oriente, sonho que entusiasma sionistas e não só. A Líbia seria um excelente alvo — «limpava-se» um povo inteiro que se está tornando cada vez mais incómodo para os «interesses

Afeganistão celebra 62.º aniversário de independência

No passado dia 19 de Agosto o Afeganistão celebrou o 62.º aniversário da sua independência. Foi em 1919, na sequência da derrota infligida às tropas britânicas, que o povo afegão pôs termo à dominação colonial, não se libertando contudo de constantes pressões e interferências externas, as quais funcionaram sempre através da monarquia feudal e corrupta que se instalou na governação do país.

Este estado de coisas alterar-se-ia radicalmente com a Revolução democrática e popular de 27 de Abril de 1978, que iniciaria a tarefa de reconstruir o país em moldes novos, na base do progresso social e da justiça.

Desde os primeiros dias de existência do novo Afeganistão que a reacção internacional lhe declarou uma guerra sem quartel, perseguindo objectivos de muito longo alcance. Essa guerra tem tido duas frentes — por um lado o apoio maciço a bandos de mercenários infiltrados através do Paquistão, e por outro uma avalanche propagandística assente em três linhas mestras: 1.º — a Revolução afegã não teria base nacional, tendo sido trazida do estrangeiro; 2.º — seria contrária ao Islão, aos costumes e às tradições nacionais; 3.º — o poder revolucionário seria um «produto» soviético e portanto sem existência legal.

Só que os factos são outros. Na verdade o regime feudal que esmagava o país começou a entrar em colapso há quase duas décadas, quando relações feudais e pré-feudais, combinadas com uma brutal opressão social, agudizaram as contradições de classe e produziram no desenvolvimento social do Afeganistão mu-

danças que haviam de desempenhar um papel decisivo nos seus destinos.

A existência miserável e a exploração desenfreada exercida pelos latifundiários feudais provocaram o protesto das amplas massas. O regime monárquico foi sendo progressivamente associado às injustiças. A luta contra o regime desenvolveu-se, aberta e clandestinamente, tendo o PDPA, nos anos 50 e 60, encabeçado o movimento democrático e nacional.

O surgimento do Partido Democrático Popular do Afeganistão, hoje o Partido governante, foi a resposta à necessidade social objectiva de dispor de uma força de vanguarda capaz de dirigir a luta para mudar radicalmente a sociedade existente. Muito antes de se tornar partido governante já o PDPA obtivera o reconhecimento do povo pelas suas acções contra a ordem monárquica reaccionária. O Partido conseguiu igualmente ganhar uma considerável influência no corpo de oficiais do Exército, o que desempenhou um papel fundamental quer na preparação no pronunciamiento antimonárquico de 1973, quer na vitoriosa Revolução popular de Abril de 1978.

Não existem Revoluções

Homenagem a comunistas búlgaros

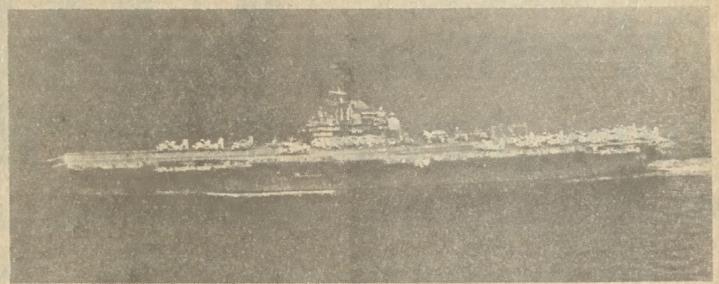
No passado dia 23 de Agosto — dia dedicado do Partido Comunista Búlgaro, por ocasião das comemorações do jubileu da fundação do Estado búlgaro — o secretário-geral do PCB, camarada Todor Jivkov, inaugurou uma grandiosa casa-monumento em Bussludja, no cume da montanha de Stara Planina, (local onde se realizou há 90 anos o primeiro Congresso do PCB), tendo exortado na altura que

«geração após geração da Bulgária socialista e no futuro comunista, se venha aqui prestar homenagem à obra daqueles que viveram nesta terra e que deram tudo o que tinham na vida».

O primeiro-ministro búlgaro, Grisha Filipov, faria antes da inauguração uma alocução sobre a história do Partido.

Estiveram presentes como convidados deste acto

solene os camaradas: Alvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, Georges Marchais, secretário-geral do PCF, Samora Machel, presidente da RP de Moçambique, Kaled Bagdas, secretário-geral do PC Sírio, Nikolas Chau, secretário-geral do PC Libanês, um dirigente do PCUS e representantes do PCI, do PCE, do PC do Iraque, do Yemen Democrático, da Checoslováquia, de Angola e da Polónia.



A presença militar norte-americana no Mediterrâneo é constante, numerosa e em si mesma provocatória; as manobras ao largo da Líbia e os graves acontecimentos subsequentes foram mais um (perigoso) passo do chauvinismo ianque

vital» imperialistas e ficam intactos os poços de petróleo...

Não é por acaso que os EUA vêm acelerando a degradação de relações com a

Líbia nem pura coincidência os três acontecimentos que enumerámos a princípio. É urgente que todos os povos do mundo, a começar pelo próprio povo norte-americano,

tomem consciência dos perigos reais para a sobrevivência da Humanidade que falcam desta obsessão hegemónica que presentemente percorre Washington.

Líbia, alguns dados

A Líbia foi unificada pelos árabes no século VII da nossa era, dando-lhe a sua língua, religião e cultura, dividindo-se o país, situado no norte de África, em três zonas naturais: Tripolitânia, Cirenaica e El Fezzan.

No século XVI os turcos iniciaram a dominação do país, que nunca conseguiram completamente, encontrando forte oposição, nomeadamente da tribo dos «senusi», oriunda das montanhas da Cirenaica. Em 1911 a Itália apodera-se do país, ou melhor, ocupa a sua faixa costeira até Tobruk, não conseguindo ir mais além devido à forte resistência da população.

Com o ascenso do fascismo em Itália, a Líbia ganha grande importância estratégica, pelo que Mussolini ordena feroz repressão (vários campos de concentração), esmaga a resistência e impõe ao país, até à sua queda, um enorme retrocesso económico e social.

Durante a II Guerra Mundial a Líbia foi palco de ferozes combates entre Aliados e nazi-fascistas e quando Rommel, o general que comandava as forças nazis, se viu forçado a abandonar o país em 1942, a Grã-Bretanha estabeleceu uma administração colonial nas regiões de Tripolitânia e Cirenaica enquanto a França ocupava a zona de El Fezzan.

No final da guerra o destino da Líbia provocou grande controvérsia entre as potências capitalistas, até que se concordou dar a independência ao país em Dezembro de 1951, com o estabelecimento de uma monarquia hereditária encabeçada por Idris I. Em 1953 a Líbia ingressa na Liga Árabe e no mesmo ano a monarquia concede as primeiras autorizações às companhias estrangeiras para a exploração do petróleo.

A partir de 1960 o país converte-se num dos grandes produtores de petróleo mundiais, enriquecendo a corte parasitária enquanto o resto da população, virada essencialmente para a agricultura e a pastorícia, se viu lançada mais e mais no atraso e na miséria.

A monarquia estabeleceu um férreo regime patriarcal que não admitia movimentos políticos ou sociais contrários, constituindo o rei e os seus interesses o centro da vida oficial e política do país. A política externa baseava-se formalmente na tradicional solidariedade com o mundo árabe, enquanto crescia a dependência das multinacionais do petróleo, principalmente norte-americanas, chegando os EUA a possuir, em Wheelus Field, a sua maior base aérea em território estrangeiro, a qual apoiou as suas agressões a países da África e do Médio Oriente.

A 1 de Setembro de 1969 um grupo de jovens oficiais, chefiados pelo então tenente Muammar El Gadhafi, desencadeou um golpe de Estado que apeia a monarquia e inicia um processo de transformações antifeudais. Institui-se a República Árabe Libia, governada pelo Conselho Supremo da Revolução Árabe Libia, governada pelo Conselho Supremo da Revolução presidido por Gadhafi.

O novo regime, que proclamou como sua principal consigna o nacionalismo e a solidariedade árabe, exigiu de imediato a saída das tropas britânicas e norte-americanas estacionadas em Tobruk, El Adam e Wheelus Field, as quais foram reintegradas no Estado libio em 1970. Paralelamente, o novo governo eliminou o uso da língua inglesa e declarou o árabe como língua oficial.



Impõe limites às concessões do capital estrangeiro, nacionaliza as principais companhias petrolíferas e expropria, para entregar aos camponeses pobres, as terras ao abandono, propriedade de estrangeiros. No plano social inicia um ambicioso plano de construções, principalmente para habitação, implanta o ensino obrigatório e os serviços médicos gratuitos.

Na primeira metade da década de 70 o governo libio iniciou um amplo projecto de desenvolvimento industrial na base da cooperação e intercâmbio, no qual desempenhou papel de relevo o acordo de assistência técnica com a URSS em 1972.

Um acontecimento de grande importância foi a celebração em Março de 1977 do Congresso Geral do Povo, com carácter extraordinário, que estudou o projecto de declaração para a instauração do poder popular, aprovado no Congresso de 1976, reestruturou o governo e o Estado e adoptou um novo nome para o país: Jamahiriya Árabe Libia Popular Socialista.

No plano internacional a Líbia é um país não-alinhado que proclamou o seu apoio aos movimentos de libertação nacional e presta uma ajuda permanente à OLP, mantendo desde sempre uma firme linha de conduta anti-imperialista.

No “26 de Agosto” Nova provocação contra Angola

O dia de ontem, 26 de Agosto, foi consagrado pela ONU como o «Dia da Namíbia». Dia que comemora o início da luta armada dirigida pela SWAPO — Movimento de Libertação do Sudoeste Africano (Namíbia) — em 1966, contra a ocupação legal dos racistas sul-africanos, os quais têm aproveitado a vizinhança deste território com a República Popular de Angola para daí desferirem os seus ataques contra a pátria de Agostinho Neto, como neste preciso momento está a acontecer, com as forças militares e mercenárias do regime do «apartheid» desencadeando (mais) uma invasão do território angolano a partir da fronteira namibiana, numa grave agressão militar de consequências imprevisíveis.

De entre os sete territórios africanos que estiveram sob o mandato da Sociedade das Nações, a Namíbia é o único que não foi colocado sob o regime de tutela da ONU. Em Outubro de 1966 a Assembleia Geral da ONU declarou que a África do Sul não havia sabido cumprir os seus deveres e pôs fim ao mandato exercido por este país sobre o território, o qual passaria a ficar sob a responsabilidade directa das Nações Unidas.

Em Maio de 1967 a Assembleia Geral criou o Conselho das Nações Unidas para o Sudoeste Africano (que mais tarde se passou a chamar o Conselho para a Namíbia), com a missão de substituir a África do Sul e administrar o território até à independência.

Mas os racistas sul-africanos continuaram recusando pôr fim à ocupação ilegal da Namíbia, agravando a situação com a utilização que passaram a fazer deste território para base de agressão à jovem República Popular de Angola. E, é claro, fazendo tábua rasa

Cinco», tem utilizado estas negociações para ganhar tempo e intensificar a ocupação militar e a exploração económica da Namíbia, continuando a aventurar-se na ocupação do território angolano, onde pratica atrocidades contra os refugiados da Namíbia e o povo angolano.

A opinião pública mundial não pode ficar indiferente nem de braços cruzados. O odioso regime sul-africano perfila mais e mais no horizonte de África e do mundo o perigo de um conflito de consequências imprevisíveis. Em Portugal, o Movimento Português contra o Apartheid, tal como outras entidades, tem procurado sensibilizar a opinião pública do nosso país sobre a situação dramática que vive o povo namibiano, e assinalou esta data — o 26 de Agosto — com uma exposição fotográfica promovida em conjunto com o Centro de Informação da ONU, no Rossio, em Lisboa, sobre a Namíbia e a África do Sul.

Solidariedade com a Namíbia

No decurso de uma campanha de solidariedade para com os refugiados da Namíbia, desencadeada pela Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola, já foram enviados para Angola mais 210 quilos de vestuário.

Entretanto a campanha continua e todas as pessoas interessadas em colaborar (com vestuário, calçado ou medicamentos) podem dirigir-se, em qualquer dia útil, das 18,30 horas às 20,30 horas, à sede da Associação, na Rua Portas de Santo Antão, 117 — 2.º, em Lisboa.

Festa do Avante!

Diversas iniciativas culturais nos três dias da Festa

● 236 artistas representados na 3.ª Bienal de Artes Plásticas

Os três dias da Festa do «Avante!» serão também três dias de intensa actividade cultural, vivida através de variadas formas e iniciativas.

Não falando já das ideias previstas pelas diferentes organizações do Partido, que nos seus stands e pavilhões poderão dar vida a numerosas iniciativas de âmbito cultural, há que registar a importância de algumas actividades confirmadas no âmbito do programa geral da Festa.

É o caso da 3.ª Bienal de Artes Plásticas, que ocupará uma área significativa do recinto: 1700 metros quadrados, o que equivale a 600 metros de parede. Estarão aí representados 236 artistas, podendo os visitan-

tes observar mais de 500 obras. A par de nomes já consagrados do sector das artes plásticas portuguesas, a 3.ª Bienal conta com a participação de elevado número de jovens artistas, estudantes ou não das escolas de Belas-Artes do país, e que só recentemente começaram a expor.

Concretiza-se, assim, um dos objectivos da Comissão da Bienal, «esse particular lugar de encontro da diversidade de formas plásticas com a surpresa e a curiosidade despertadas; das obras mais elaboradas às ainda incipientes com o juízo ainda perplexo e a apreciação mais definida. Em qualquer caso, um encontro que tem as dimensões de descoberta, de convívio criador, de festa e de alegria que a comunicação artística pode abrir não só a um número reduzido de consumidores, mas às largas massas de um Povo».

Haverá um catálogo sobre a Bienal com a indicação dos artistas presentes e as fotos de uma obra por artista, para além de informações e outros artigos vários. A exposição colectiva integra artistas das regiões de Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria, Aveiro, Setúbal, Alentejo e Algarve.

A figura de Cipriano Dourado, recentemente falecido, estará em foco numa exposição de 115 obras suas, incluindo desenho, gravura, aquarela e óleo. É a primeira exposição individual da obra do saudoso artista. Re-



presentando embora uma parcela do seu vasto e valioso trabalho, o certame constituirá de algum modo uma surpresa e uma verdadeira revelação para muitos dos visitantes, dada a variedade das obras expostas, muitas delas inéditas.

As artes plásticas não se limitarão, contudo, à 3.ª Bienal e à exposição individual de Cipriano Dourado. Nos painéis temáticos e na decoração de pavilhões e stands a criatividade das artes plásticas estará bem patente no vasto recinto da Festa.

As manifestações culturais não ficam por aqui. Nos pavilhões regionais encontraremos uma grande diversidade de objectos de artesanato oriundos de regiões bem

distintas do País. Virão também grupos corais, ranchos folclóricos e grupos instrumentais e será dada atenção à defesa e valorização do património cultural.

A música de tipo erudito, nas suas expressões mais variadas, será interpretada nos palcos centrais e nos auditórios por artistas nacionais e estrangeiros, como sucederá, por exemplo, com Gisela May.

Não nos esqueçamos do cinema e particularmente

da mostra de cinema africano (ver artigo sobre o assunto) e da participação dos escritores, com as suas obras no Centro do Livro e do Disco (a que nos referimos em pormenor noutra local), com os encontros a realizar com visitantes interessados, com os recitais e sessões ou com o espectáculo dedicado ao trabalho do sempre jovem José Gomes Ferreira.

Para além do seu destacado valor político, a Festa do «Avante!» incluirá duas exposições de profundo valor cultural: uma sobre o 60.º aniversário do PCP, já vista por cerca de 100 mil pessoas no Pavilhão dos Desportos de Lisboa; e outra sobre o 50.º aniversário do «Avante!».

Em relação à primeira, é de salientar o esforço desenvolvido por vários camaradas para a adaptação do certame às condições do Alto da Ajuda. Tiveram que se encontrar novas soluções. Aplicaram-se novas técnicas no modo de expor. Surgiram novas características criadoras na transposição do enorme certame. Pode mesmo dizer-se que, em muitos aspectos, teremos uma nova exposição sobre o 60.º aniversário do PCP.

Sobre a outra exposição é de referir que o passado clandestino do «Avante!» não será aqui abordado mas sim na do 60.º aniversário. A propósito da vida do órgão central do PCP, faz-se neste certame uma ligação a outros temas de reconhecido interesse histórico. É a evocação da Imprensa operária portuguesa desde os seus

primeiros tempos (com o «Eco dos Operários», 1850), até à actualidade, com a Imprensa do poderoso movimento sindical unitário.

A referência a alguns grandes jornais do movimento operário internacional do século XIX e de princípios do século XX, uma mostra de reproduções de cabeçalhos de jornais dos Partidos Comunistas da actualidade; a rápida evocação de episódios da luta pela liberdade de expressão após o 25 de Abril até à ofensiva da «AD» na Comunicação Social; e finalmente imagens e reflexões sobre a situação mundial da actualidade em termos de Informação — são aspectos que teremos oportunidade de analisar na exposição do 50.º aniversário do «Avante!».

Haverá ainda debates sobre temas políticos, ideológicos, económicos, sociais e culturais nos diferentes auditórios, nomeadamente os da zona central, da juventude, da DORL e no estúdio de Rádio e TV.

Na secção de saldos os descontos são de 30, 40 e 50 por cento e nas publicações o visitante que é coleccionador de jornais e revistas ou que participa no concurso de «o diário» deve, sem dúvida, dar lá um pulo. Na «Lojeira», além do «cubo mágico», haverá caixas de fósforos com a reprodução dos cartazes de todas as Festas do «Avante!»: brinquedos, medalhas, recordações diversas, objectos alusivos à Festa (porta-chaves, etc.) e o «Mícha», conhecido urso mascote da Olimpíada-80.

Quanto a novidades, o visitante não ficará desiludido. Nos livros, haverá, por exemplo, «De Pé na Paisagem», de Leandro Martins (nosso camarada de Redacção e autor de «A Caça às Rolas»), «No Mar Oceano», de Borges Coelho, «Eles vieram pela madrugada», de Manuela Cândia dos Reis, «O Herói chegado da guerra», de Virgílio Martinho.

Em relação aos discos, refira-se também a título de

exemplo «Estas palavras que vos deixo», poesia de António Aleixo cantada por Luísa Basto. Da Brigada Vitor Jara estarão à venda LP's anteriormente esgotados: «Eito Fora» (a caminho do disco de prata) e «Tambor-leiro».

«Marchas, danças e canções — próprias para grupos vocais ou instrumentistas populares», é um importante trabalho discográfico que o visitante da Festa também terá oportunidade de adquirir. A música é de Fernando Lopes Graça e os versos, inéditos são de Armando Rodrigues, Arquimedes da Silva Santos, Carlos de Oliveira, Edmundo Bettencourt, João José Cochofel, Joaquim Namorado, José Ferreira Monte, José Gomes Ferreira e Mário Dionísio. O prefácio é de Lopes Graça e a capa de Vespereira.

Ainda na Cidade do Livro e do Disco estarão à venda colecções de 18 desenhos do artista Rogério Ribeiro, base da ilustração da obra «Até amanhã Camaradas». Os desenhos são colados em cartolina.

O Centro funcionará (à excepção da «Lojeira») como supermercado: o visitante entra, escolhe à sua vontade e paga à saída.

«Bichas» para o pagamento é coisa que não atormentará: 12 máquinas registadoras funcionarão permanentemente.



gigantesca livraria e discoteca o visitante da nossa Festa poderá encontrar um pouco de quase tudo o que de mais relevante se tem publicado no nosso país.

Os livros estrangeiros — e aqui chamamos a particular atenção dos professores e estudantes universitários — são na sua maioria técnicos e socio-políticos, oriundos, por exemplo, de Angola, Cuba, Hungria, Moçambique e URSS.

Na secção de saldos os descontos são de 30, 40 e 50 por cento e nas publicações o visitante que é coleccionador de jornais e revistas ou que participa no concurso de «o diário» deve, sem dúvida, dar lá um pulo. Na «Lojeira», além do «cubo mágico», haverá caixas de fósforos com a reprodução dos cartazes de todas as Festas do «Avante!»: brinquedos, medalhas, recordações diversas, objectos alusivos à Festa (porta-chaves, etc.) e o «Mícha», conhecido urso mascote da Olimpíada-80.

Quanto a novidades, o visitante não ficará desiludido. Nos livros, haverá, por exemplo, «De Pé na Paisagem», de Leandro Martins (nosso camarada de Redacção e autor de «A Caça às Rolas»), «No Mar Oceano», de Borges Coelho, «Eles vieram pela madrugada», de Manuela Cândia dos Reis, «O Herói chegado da guerra», de Virgílio Martinho.

Em relação aos discos, refira-se também a título de

Centro do Livro e do Disco

— um ponto de paragem «obrigatória» na cidade do Alto da Ajuda

Ocupando uma área de cerca de 1800 metros quadrados, funcionando nos três dias da Festa sem interrupção e com os serviços assegurados por mais de 300 pessoas, o Centro do Livro e do Disco será, no Alto da Ajuda, um ponto de passagem «obrigatório» para os milhares de visitantes da maior Festa do Portugal de Abril.

A Central Distribuidora Livreira (CDL) é a empresa responsável pela organização do Centro. Em contacto com elementos da sua administração, o «Avante!» recolheu algumas informações que, estamos certos, poderão interessar a um vasto número dos nossos leitores.

O Centro do Livro e do Disco está localizado frente ao pavilhão central da Festa, sendo facilmente detectado por uma torre de nove metros de altura e 64 metros quadrados de secção.

Ao longo dos três dias da Festa, o Centro funcionará com 400 turnos de três horas e meia. A preparação, implantação, transporte e venda mobilizará, como já referimos, cerca de três centenas de pessoas.

Pela primeira vez, a zona do livro e do disco terá um recinto próprio para exposição, ocupando uma área total de 200 metros quadrados, e na qual se foca a actividade da empresa desde a sua criação (Setembro de 1974) e também o trabalho das Editoriais «Avante!» e «Camíhão», bem como os jornais «o diário» e «Avante!», cuja distribuição é feita pela CDL.

Em 22 painéis, abarcando uma área de 30 metros quadrados de parede, e com recurso a fotos, textos, gráficos e outros elementos, é dada uma panorâmica da vida da empresa, nomeadamente as iniciativas públicas, as livrarias, a venda directa, a distribuição, a exportação e a cooperação internacional com organizações congéneres, em especial com as dos jovens países africanos que se libertaram do jugo colonial português; funcionamento orgânico da empresa; e estruturas dos trabalhadores.

A exposição tem como lema «CDL, uma organização ao serviço da divulgação da cultura e da informação».

O Centro do Livro e do Disco da Festa do «Avante!» inclui no seu programa outras actividades. É o caso das sessões de lançamento de livros e discos, sessões de autógrafos, breves palestras por autores e artistas; a venda de uma gravura de Cipriano Dourado, artista recentemente falecido, cuja figura será homenageada no decorrer da 3.ª Bienal de Artes Plásticas da Festa; lançamento do cubo de Rubik, o «cubo mágico» que vai dar muito que falar, e que proporcionará a realização de concursos sobre o método e o tempo utilizados na solução do «problema».

A CDL terá na Festa do «Avante!» 100 mil livros e 15 mil discos, estando o Centro organizado com as seguintes secções: livros portugueses, livros estrangeiros, livros infantis, saldos, discos e cassetes, publicações e «A Lojeira».

A primeira ideia que se deve salientar é que nesta

Mostra de cinema africano

Na zona central da «cidade» do Alto da Ajuda vai funcionar nos três dias da Festa um pequeno cinema com um grande programa cultural: a mostra de cinematografia africana.

Os visitantes da Festa do «Avante!» terão assim oportunidade de conhecer uma parte significativa do que foi realizado nas jovens nações africanas, em termos de cinema, nestes poucos anos após a sua independência.

Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde, mas com mais pormenor os dois primeiros países, vão estar representados na iniciativa através de filmes que certamente contribuem para uma mais completa informação sobre a realidade dos povos libertados do regime colonial-fascista após o 25 de Abril.

Na nossa próxima edição divulgaremos o extenso programa completo da mostra de cinema africano. Para já podemos adiantar, tal como nos revelou o camarada Joaquim Braz, um dos elementos da organização, a passagem na Festa do «Avante!» de sete filmes angolanos e a presença do pintor António Ole, realizador de «Carnaval da Vitória» e de «No camino das estrelas», duas das obras que poderemos apreciar no Alto da Ajuda; a passagem de vários filmes moçambicanos, incluindo o «Moeda», de Rui Guerra; uma obra feita na base de uma colaboração entre portugueses e guineenses, «Os Actos e Feitos da Guiné», de Fernando Matos Silva, conhecido realizador, responsável do «Mal Amado», e com quem teremos igualmente oportunidade de dialogar no Alto da Ajuda.

De salientar, a propósito, os contactos feitos pelos organizadores da «mostra» com os Institutos de Cinema de Angola e Moçambique, de quem obtiveram a melhor colaboração.



A obra do artista Cipriano Dourado, recentemente falecido, vai ser evocada na Festa do «Avante!», no âmbito da 3.ª Bienal de Artes Plásticas. Estarão patentes 115 trabalhos do artista, incluindo desenho, gravura, aquarela e óleo, muitos deles inéditos. O nome de Cipriano Dourado está intimamente relacionado com a história e os caminhos das artes plásticas no nosso País.



À semelhança dos anos anteriores, o livro e o disco estarão condignamente representados na Festa do «Avante!». O local deste ano ocupa uma área de cerca de 1800 metros quadrados e os seus serviços serão assegurados por mais de 300 pessoas. Além da venda de 100 mil livros e 15 mil discos, está previsto um diversificado conjunto de iniciativas de carácter cultural, como nos revelaram elementos da administração da CDL, empresa responsável pela organização do Centro do Livro e do Disco da Festa do «Avante!» — 1981